

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Paulo Lobemvein Heidenreich Júnior

UMA CLÍNICA ENTRE A LINGUÍSTICA E A ANÁLISE DO DISCURSO:
a psicanálise e um estudo da fala

Belo Horizonte
2024

Paulo Lobemvein Heidenreich Júnior

**UMA CLÍNICA ENTRE A LINGUÍSTICA E A ANÁLISE DO DISCURSO:
a psicanálise e um estudo da fala**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Belo Horizonte

2024

H465c

Heidenreich Júnior, Paulo Lobemvein.

Uma clínica entre a linguística e a análise do discurso [manuscrito] : a psicanálise e um estudo da fala / Paulo Lobemvein Heidenreich Júnior. – 2024.

1 recurso online (99 f.: il., p&b.) : pdf.

Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso (2B).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 96-98.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Psicanálise e linguística – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Sujeito (Psicologia) – Teses. 4. Ethos – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6- 2706

Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

UMA CLÍNICA ENTRE A LINGUÍSTICA E A ANÁLISE DO DISCURSO: A PSICANÁLISE E UM ESTUDO DA FALA

PAULO LOBEMVEIN HEIDENREICH JÚNIOR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 14 de junho de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen - Orientadora
UFMG

Prof(a). Ida Lucia Machado
UFMG

Prof(a). Guilherme Massara Rocha
UFMG

Belo Horizonte, 14 de junho de 2024



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen, Professora do Magistério Superior**, em 19/06/2024, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ida Lucia Machado, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 20/06/2024, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3260831** e o código CRC **9CFDB8EF**.

Referência: Processo nº 23072.227959/2024-28

SEI nº 3260831

AGRADECIMENTOS

O que realiza só o faz encontrando no Outro um traço no caminho. Os agradecimentos são muitos e, de certo, insuficientes.

Aos familiares que sempre testemunharam a caminhada. Paulo, Míriam e Nayara: é amor. Pai, mãe e irmã são palavras coloridas por vocês.

À minha orientadora, Tilah, por escutar desde o início do que se trata este trabalho. Agradeço o saber, a experiência, a ética, os chamamentos e, principalmente, por me receber neste universo.

Às professoras Gláucia Muniz e Ida Lúcia Machado, agradeço as inestimáveis contribuições, faladas e silenciosas, que fizeram a este trabalho.

Ao amigo Jacques Akerman, por apostar neste analista e ser parceiro no caminho.

Às psicanalistas Rafaela Cosenza, Luciene Silva, Guilherme Massara, Adriana Vitta, Maria Inês Etrusco, Lícia Mara e Mara Sternick, agradeço os saberes compartilhados na transmissão da psicanálise e o encorajamento ao longo da trajetória.

Às queridas Natana Rocha, Letícia Caetano, Flávia Germano, Ana Luíza Menezes, Fernanda Spíndula, Guilherme Araújo, Lucas Carvalho, Júlia Werneck, Tatiane Pires e Caroline Lança, agradeço sorrisos, abraços, experiências e afeto.

Ao analista, Joaquim Lavarini, pelo encontro com a palavra. E o desencontro também.

Aos pacientes agradeço pela confiança, aprendizados e permissão à escuta deste analista.

Ao Gandhi, meu cachorro, pelas doses de afeto diárias que trazem vida!

À Gabriela, por vir. Que sorte...

*O corpo;
a letra;
o som;
a palavra;
o afeto;
o sentido;
a frase e
o discurso.*

*E tudo aquilo que não encontra jeito de ser dito:
o corpo.*

RESUMO

Este trabalho transdisciplinar promove um diálogo entre a psicanálise, a linguística moderna e a análise do discurso de origem francesa. Trata-se de uma dissertação clínica que visa compreender os efeitos subjetivos que os "fenômenos de linguagem" exercem sobre o paciente no contexto analítico. Inicialmente, exploramos as aproximações e os distanciamentos entre a psicanálise e a linguística. Em seguida, definimos a questão central referente ao sujeito de nossa pesquisa, destacando que os discursos e eventos de linguagem são proferidos sob a transferência. Neste ponto, Michel Pêcheux surge como uma referência fundamental para a compreensão do sujeito no texto, enquanto Jacques Lacan e Sigmund Freud permeiam toda a obra. Ao avançarmos na revisão bibliográfica, introduzimos Émile Benveniste e sua Teoria da Enunciação, com o objetivo de entender como a Análise do Discurso se torna um agente interpretativo do discurso construído na clínica psicanalítica. A noção de *éthos* conclui a seção de conceituação e inaugura as análises de seis casos clínicos, extraídos pelo autor a partir da escuta em seu consultório. Esta abordagem visa proporcionar uma compreensão da interação entre linguagem e subjetividade no setting analítico.

Palavras-Chave: psicanálise; linguística saussureana; análise do discurso; Teoria da Enunciação; sujeito.

ABSTRACT

This transdisciplinary study promotes a dialogue between psychoanalysis, modern linguistics and French discourse analysis. It is a clinical dissertation aimed at understanding the subjective effects that "linguistic phenomena" have on the patient in the analytical context. First, we explore the links and distances between psychoanalysis and linguistics. Next, we define the central question regarding the subject of our research, emphasizing that discourses and linguistic events are uttered under transference. At this point, Michel Pêcheux emerges as a fundamental reference for understanding the subject in the text, while Jacques Lacan and Sigmund Freud permeate the entire work. As we move forward in the literature review, we introduce Émile Benveniste and his Theory of Enunciation, with the aim of understanding how discourse analysis becomes an interpretive agent of the discourse constructed in the psychoanalytic clinic. The notion of *éthos* concludes the conceptual section and opens the analysis of six clinical cases extracted by the author from listening in his office. This approach aims to provide an understanding of the interaction between language and subjectivity in the analytical setting.

Keywords: psychoanalysis; Saussurean linguistics; discourse analysis; Theory of Enunciation; subject.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema L	44
Figura 2: Matema da Transferência.....	69
Figura 3: Deslizamento da homofonia.....	78
Figura 4:Supressão do silêncio e separação de palavras	82
Figura 5: Homofonia da voz	88
Figura 6: Interação dos significantes.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dinâmica do <i>éthos</i>	75
Tabela 2: A criação no espaço vazio	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE.....	21
1.1 Saussure e Lacan: curso geral da instância da letra no inconsciente saussureano ou a razão desde a linguística lacaniana?.....	29
1.2 A entrada em Lacan.....	32
1.3 Fala e língua.....	35
2. QUAL SUJEITO?.....	39
2.1 O conceito de sujeito na perspectiva psicanalítica.....	43
3. TRANSFERÊNCIA.....	46
3.1 Transferência em Lacan.....	48
4. TEORIA DA ENUNCIÇÃO.....	51
4.1 Forma e sentido.....	53
4.2 O aparelho formal da enunciação.....	55
5. A CHEGADA DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	59
5.1 Análise do discurso e clínica.....	59
5.2 A noção de <i>éthos</i>	64
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	72
6.1 Apresentação dos dados.....	73
6.2 Relatos e análise dos casos.....	74
6.2.1 A droga do dinheiro.....	74
6.2.2 Cuidador de mudas.....	77
6.2.3 A moça cintilante.....	80
6.2.4 A construção da mediocridade.....	83
6.2.5 Medo de quê?.....	87
6.2.6 O pai capado.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	96

INTRODUÇÃO

O contexto de formação deste trabalho está relacionado, principalmente, com a transdisciplinaridade. Aqui, é criado um espaço em que um analista busca apoio em teorias da linguagem para sustentar algo da prática clínica e que, nas palavras de Lacan (1956, p. 258), tem “*na fala do paciente*” o único meio de que o analista dispõe. Essa afirmação não deixa dúvidas quanto à convocação dessa transdisciplinaridade. Se vamos nos dedicar a analisar a fala de um paciente, é necessário recorrer àqueles que há tanto tempo se ocupam da fala, da língua e de suas íntimas relações com os sujeitos.

A linguística, conforme alertado por Robins (2004), teve início na Grécia, despertando o interesse de alguns filósofos. Assim como outros campos do conhecimento grego, a linguística também foi adotada pelos romanos e teve uma trajetória que se estendeu por outros continentes durante a Idade Média, ganhando ainda mais relevância na Europa durante o Renascimento. O recorte adotado em nossa pesquisa é a partir de Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, que emergiu no início do século XX, contemporaneamente à psicanálise. Embora seja afirmado em muitos textos acadêmicos que Freud não conhecia Saussure, existem controvérsias sobre essa afirmação. Machado (2013), por exemplo, dirá que Freud foi analista do filho de Ferdinand de Saussure em 1921, informação recolhida da biografia de Jacques Lacan escrita por Elizabeth Roudinesco, em 2001. O fato é que podemos correlacionar as aproximações entre a linguística moderna e a psicanálise desde o surgimento dessas teorias.

Das semelhanças entre Freud e Saussure, está a importância que ambos atribuíam à linguagem. Para Saussure, a língua era um sistema estruturado de signos que refletia a estrutura do pensamento humano. Ele introduziu o conceito de “signo linguístico”, composto por um significado (o conceito ou ideia) e um significante (a forma física do signo, como a palavra falada (SAUSSURE, 2006)). Essa dualidade significado/significante reverberou no trabalho de Freud, que reconheceu a importância da linguagem na expressão do pensamento e do inconsciente. Vejamos a definição que Freud dá, em 1891, no texto “Contribuição à concepção das Afasias”, ainda em 1891, para a palavra.

A representação de palavra aparece como um complexo representativo fechado; a representação de objeto, ao contrário, como um complexo aberto. A representação de palavra não está ligada à representação de objeto por todas as suas partes constituintes, mas apenas pela imagem sonora. Dentro das associações de objeto, são as visuais que representam o objeto (...).

A palavra é, então, uma representação complexa composta das imagens mencionadas; noutros termos, à palavra corresponde um processo associativo complicado em que os elementos enumerados de origem visual, acústica e cinestésica estabelecem ligações mútuas. (FREUD, 1981, p.73).

No momento, não nos aprofundaremos nas questões conceituais relacionadas à língua e à fala; esse aprofundamento será abordado na seção "Linguística e Psicanálise" desta dissertação. No entanto, é necessário destacar aqui a citação de Freud que revela seu real interesse pelas questões relacionadas à palavra, à língua e aos fenômenos da linguagem.

Conforme colocado por Cohen (2010), Freud menciona em sua obra dois estudiosos que abordavam a linguagem: Carl Abel e Hans Sperber, que parece terem exercido alguma influência na abordagem que Freud fazia da linguagem, embora a relação de seu estudo sobre esses autores e sua concepção de linguagem não fossem explícitas em sua obra.

Cohen (2012) elabora um artigo, que é uma versão simplificada de Cohen (2010), em que evidencia o interesse de Freud em Hans Sperber, analisando os textos do linguista para identificar aspectos relevantes para a psicanálise freudiana. Destaca-se que Hans Sperber não era um linguista que seguia a lógica dos estudos de sua época, mas sim alguém preocupado com a investigação da origem da linguagem.

Sobre essa questão, é relevante ressaltar que Sperber faz recortes significativos em sua pesquisa, os quais parecem estar alinhados com os interesses de Freud. Sperber investigava a **linguagem oral com a intenção de comunicação** (COHEN, 2010, p. 20, grifos da autora). Esse recorte evidencia uma limitação aos elementos da linguagem escrita, gestual ou outros que seriam de menor interesse para Freud naquele momento. Além disso, percebemos em Sperber um outro componente teórico central: a origem sexual da linguagem. Embora o autor não descarte essa origem na relação mãe/bebê, não é dessa relação que ele trata em seus textos, mas sim das relações em que um sujeito convoca o outro ao ato sexual (COHEN, 2010, p. 21).

Nessa perspectiva, Cohen (2010) se propõe a estudar a obra de Hans Sperber, o que parece ser uma abordagem incomum entre os psicanalistas, apresenta a teoria da origem sexual da linguagem sustentada pelo linguista contemporâneo de Freud:

- 1) ferramentas > órgãos sexuais > copulação > 2) tensão > tensão sexual > vazão > produção de sons. (COHEN, 2010, p. 23).

A autora prossegue:

Sperber comprova sua hipótese sobre a origem sexual da linguagem humana através do vocabulário, através de palavras, em suma, mas propõe uma teoria sobre o desenvolvimento da linguagem além do nível da palavra, chegando até a sentença com sujeito e verbo, explicando, através da origem sexual, a existência dos substantivos, e dos adjetivos e advérbios também, como decorrência dos outros, podemos acrescentar. (COHEN, 2010, p. 24).

Ao trazer materialidade à teoria de Sperber, concluímos esta apresentação do linguista que dá referências a Freud com mais uma contribuição da psicanalista que estudou a obra de Sperber:

Para o Autor, a primeira exteriorização linguística, o “chamado” para atrair o outro, continha o germe de diferentes categorias linguísticas. Desta forma:

- a) o “chamado” seria uma ação, donde a categoria verbo;
- b) o parceiro chamado engendraria o substantivo;
- c) como o chamado continha uma ênfase sexual, continha uma qualidade, um adjetivo;
- d) o local onde estava aquele que estava sendo chamado, levaria ao advérbio locativo. (COHEN, 2010, p. 24).

É importante salientar que, neste momento introdutório da dissertação, não estamos discutindo a origem sexual da linguagem, mas sim evidenciando que Freud fundamenta sua teoria considerando não apenas a linguagem em si, mas também os estudos circundantes das teorias linguísticas. A afinidade de Freud por Sperber não é coincidência e parece estar ligada a algo que, podemos arriscar dizer, envolve a pulsão nessa origem.

No texto "O interesse científico da Psicanálise", de 1913, Freud irá elencar, entre outros saberes, a filologia, área do saber que mais se aproximava das palavras em seu tempo, como um dos interesses da psicanálise. Textos como "Contribuição à Conceção das Afasias", de 1891, "O sentido Antitético das Palavras Primitivas", de 1910, "A interpretação dos Sonho", de 1900, "Os

Chistes e sua relação com o Inconsciente", de 1905, são apenas alguns exemplos da ampla escrita freudiana que privilegia a relação dos sujeitos com a linguagem, ou ainda, que apontam certa constituição ou aparecimento dos sujeitos pela linguagem

Cohen (2010), aponta que Freud utiliza-se de certa categorização linguística para fazer estudo de casos, sobretudo nos textos "Os Chistes e sua relação com o Inconsciente" e "A Psicopatologia da vida Cotidiana", corroborando a ideia de que Freud não estava alheio aos saberes linguísticos, ou filológicos, de seu tempo, embora não nomeasse essa teorização em seus escritos. Vejamos:

(...)Nesses casos trabalha-se com material linguístico e categorias bem conhecidas dos profissionais da linguagem, que estudam a língua cientificamente: fonemas, morfemas, sintagmas, interpretação semântica, embora Freud não os nomeie assim. Nesse sentido, nossa leitura é de certa forma, anacrônica. Há uma imisção do presente no passado, ao entendermos o texto de Freud nos valendo de desenvolvimentos das teorias linguísticas que lhe são cronologicamente posteriores, embora a natureza do fenômeno linguístico não tenha se alterado nesse intervalo de tempo! (COHEN, 2010, p. 12).

Cohen (2010) prossegue refletindo sobre a lucidez freudiana em conceber a linguagem como agente articulador do sujeito e os modos em que o método psicanalítico é atravessado por fenômenos que, nas palavras da autora, são anacrônicos. Experimenta ainda esse dizer que parece central na elaboração desta dissertação:

(...) a Psicanálise utiliza-se de categorias universais das línguas históricas, categorias cientificamente identificadas pelos estudiosos da linguagem, como um dos meios de acesso a inconsciente e de manifestação do inconsciente, muito embora não se depreenda do texto freudiano sua vinculação a nenhuma teoria ou prática linguística sua coetânea. A posteriori identificam-se no material linguístico observado por Freud as categorias linguísticas conhecidas, mas ele não explicita esse uso. Trata-as com desenvoltura e intimidade, como parte do ser humano, a quem legitimamente a linguagem pertence e em quem se realiza e concretiza. (COHEN, 2010, p. 12).

Dentre os inúmeros exemplos possíveis, podemos evidenciar que a psicanálise e a linguística são áreas do conhecimento que se aproximam desde os seus primórdios teóricos. Vários autores têm se dedicado a refletir sobre as relações entre essas duas teorias, seja de forma mais ou menos explícita.

Michel Arrivé, em seu livro *Linguística e Psicanálise - Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros* (2001), explora as relações entre a psicanálise e a linguística. Um excerto desse livro inspira e dá um ponto de partida para a elaboração desta dissertação.

Linguística e psicanálise têm, ambas, que ver com a linguagem. Constituem então dois domínios contíguos. O problema que de início se levanta é o da fronteira que as separa: intransponível muralha da China - como dizem às vezes? Ou frágil treliça? Para instalar-me na metáfora, prefiro descrevê-la como um biombo ao mesmo tempo poroso e trespassado de aberturas. Desse modo oferecem duas possibilidades de passagem. Escolhi a mais fácil - pelo menos a que assim parece: a passagem pelas aberturas. Cabe-nos descobri-la. Uma delas, por certo, poderia ser delineada pelo exame dos problemas da afasia: seria útil confrontar a visão de Freud, a de Jakobson, e as dos atuais especialistas no problema. (ARRIVÉ, 2001 p. 21).

Os estudos contemporâneos que abordam a intersecção entre linguística e psicanálise evidenciam uma complementaridade nos discursos e enunciações desses dois campos do conhecimento. A interpretação de Freud feita por Arrivé (2001) revela um sujeito que compreendia profundamente a importância da linguagem como uma expressão do paciente imerso na cultura. Na perspectiva da psicanálise, a linguagem é tão estruturante quanto o próprio inconsciente (ARRIVÉ, 2001).

Michel Arrivé, uma figura de destaque na intersecção entre psicanálise e linguística, empreende um trabalho de reconstrução histórica da relação entre essas duas disciplinas. Em duas obras fundamentais, "Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros" (1994; 2001) e "Linguagem e Psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon e Lacan" (1999), o autor investiga as aproximações e os afastamentos entre esses dois campos de conhecimento.

Apesar de reconhecer certos afastamentos teóricos, nos quais há elementos exclusivos da linguística e da psicanálise, Arrivé (1999) deixa claro que é impossível desenvolver uma teoria completa em uma dessas áreas sem considerar a outra.

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sintam com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistência cujas próprias forças é proporcional à evidência dos fatos (sic). Como evitar, então, uma

conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise? (ARRIVÉ, 1999, p. 23).

Em resumo, ao abordarmos os cruzamentos com a linguística nesta dissertação, discutiremos a relação entre significado e significante, língua (linguagem) e fala (alíngua), a estruturação de frases, morfemas, fonemas, sintaxe, metáfora, metonímia e outros elementos de análise linguística que serão úteis em fases posteriores do trabalho.

Entender os objetivos e o *corpus* desta dissertação é fundamental para compreender a necessidade de utilizar os conceitos mencionados para qualquer análise. Meu interesse pela relação entre psicanálise e a linguagem sempre existiu como psicanalista, tendo chegado inclusive a fazer meu trabalho de conclusão de curso da graduação em psicologia nesta área. Naquele momento propus a interlocução entre a psicanálise lacaniana e a linguística saussureana. Ao ingressar no programa de pós-graduação em estudos linguísticos meus horizontes se alargaram através do contato com outras teorias linguísticas, destacando-se em especial a Análise do Discurso, cujos recortes relevantes à presente pesquisa serão apresentados mais à frente. Até agora este texto ainda não abordou os cruzamentos com a Análise do Discurso, mas isso será feito em breve.

Partindo do princípio de que o sujeito é constituído pela linguagem e só se torna sujeito quando atravessado por ela (conceito que abordaremos nas seções “Linguística e Psicanálise” e “Qual sujeito?”), desenvolvo uma identidade clínica que se interessa sobremaneira pelo que é falado. O sujeito analisante, ao falar, se reconstrói e em encontros raros, porém potentes, consegue ressignificar sintomas e transformar histórias.

A citação de Lacan parece-me central quando penso no objetivo desta dissertação:

Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie. Ora, toda fala pede uma resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise.

Assim, ele passa a analisar o comportamento do sujeito para ali encontrar o que ele não diz. Mas, para obter a confissão, é preciso que fale disso. Então, ele recupera a palavra, mas tornada suspeita por só

haver respondido à derrota de seu silêncio, ante o eixo percebido de seu próprio nada. (LACAN, 1956, p. 248).

Objetivo analisar como a *fala do paciente* se manifesta e os momentos em que ocorrem deslizos, como atos falhos, chistes, lapsos, neologismos, metáforas, metonímias e outros elementos singulares que surgem no discurso. Esses fenômenos são vistos como a força motriz por trás da retificação subjetiva, são esses fenômenos que apontam onde a análise acontece.

Para alcançar esse objetivo, pretendo utilizar os conhecimentos da linguística e da Análise do Discurso (AD), áreas muitas vezes subestimadas em contextos psicanalíticos, a fim de analisar os eventos que testemunho em minha prática clínica. Esta dissertação é de natureza clínica e busca examinar a fala dos pacientes e as retificações dos *sujeitos* à luz dos princípios da linguística, da Análise do Discurso e da Psicanálise.

Percebemos, então, que o significante "sujeito" está presente na elaboração dos nossos objetivos desta dissertação. É nesse contexto, onde o sujeito é central nos estudos linguísticos, que a Análise do Discurso emerge como uma abordagem relevante neste trabalho. A figura de Michel Pêcheux será especialmente importante na seção em que discutiremos sobre qual sujeito estamos nos referindo ao considerar alguma retificação. A entrada do Outro no discurso também é um tema de interesse, especialmente em relação à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, onde o contexto de enunciação e a construção de sentidos parecem modular os discursos. A própria noção de discurso será debatida em uma seção sobre a teoria da enunciação.

No que diz respeito ao contexto enunciativo, é importante salientar que o *corpus* desta pesquisa é constituído por trechos de falas de pacientes em consultório. Esses pacientes se expressam em um ambiente analítico, para o analista, e se beneficiam desse espaço para construir seu discurso, especialmente através de mais um conceito fundamental: *transferência*. A transferência será discutida como um laço, um lugar e uma modulação discursiva, a fim de refletir em qual dimensão essa forma específica de expressão atravessa o que é dito.

O *corpus* desta dissertação não se constitui de análises de casos clínicos completos, mas sim de análises de recortes desses casos. Esses recortes são selecionados conforme entendidos como eventos intimamente ligados à

linguagem e suficientemente explícitos para que evidenciem as relações teóricas nas quais os objetos de pesquisa se inserem. Em conformidade com as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFMG, foram adotadas todas as precauções necessárias para preservar a confidencialidade dos analisantes. Não são apresentados dados que possam identificar os sujeitos que produzem os eventos de linguagem analisados, e nomes e características que poderiam singularizá-los foram omitidos. Adicionalmente, é importante ressaltar que os trechos extraídos não foram gravados, sendo reescritos conforme escutados pelo analista, logo após a sessão de análise.

Neste momento introdutório, abordaremos a entrada da Análise do Discurso como uma teoria que também fundamenta os estudos dos eventos de linguagem que constituem o *corpus* mencionado neste texto. Falaremos da interlocução entre psicanálise e Análise do Discurso (AD), considerando o papel do sujeito no inconsciente e do Outro como aquele que fornece os significantes. Esses elementos são fundamentais na formação dos discursos em qualquer contexto. A premissa subjacente é que, onde há discurso, há um Outro.

A Psicanálise, no sentido inaugural de Freud, é um movimento político, surgido na Viena do final do século XIX, que se configura, pelo olhar da Análise do Discurso, como uma prática clínica de implicações discursivas. Como coloca Sigmund Freud, em suas Conferências Introdutórias proferidas em 1916, entre o analista e o analisando não ocorre nada além de uma troca de palavras, sendo a própria análise em si um processo que permite o enlaçamento entre a história de um sujeito e suas determinações inconscientes. O inconsciente freudiano é atópico e não possui materialidade: ele é formado por representações que são concebidas como um sistema falho de tradução de traços e é também comparado a procedimentos inerentes ao ato da escrita: pictografia, hieróglifo, palimpsesto. Ainda que as escritas antigas não sejam propriamente do ramo da Linguística, e sim da Paleografia, a preocupação freudiana em tais comparações está completamente imersa na importância que ele confere ao fenômeno da linguagem para conceituar o inconsciente. (MACHADO, 2013, p. 22).

Tfouni e Laureano (2005) discorrem sobre o surgimento da Análise do Discurso, associando-o à figura de Michel Pêcheux na década de 1960. Reconhecido posteriormente como analista do discurso (embora existam autores que não pensem desta maneira), Pêcheux desempenhou um papel central na constituição desse campo. As afinidades deste trabalho com Pêcheux são evidentes, começando pelas bases epistemológicas apontadas por Tfouni e Laureano (2005): a linguística, o marxismo e a psicanálise. O fato de a

psicanálise influenciar a lógica analítica da Análise do Discurso (AD) já deveria ser considerado crucial para não negligenciarmos a AD. Vejamos o que escreve Pêcheux sobre:

Ele [o quadro epistemológico] reside, a nosso ver, na articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (*de natureza psicanalítica*). (PÊCHEUX, FUCHS, 1997, p. 163-164 *apud* TFOUNI, LAUREANO, 2005, p. 133).

Pensando ainda o escrito por Tfouni e Laureano (2005), "do materialismo histórico, a AD adota o conceito de ideologia, postulado por Althusser a partir de sua leitura de Marx". As autoras refletem que a presença de Saussure é igualmente importante na formação da Análise do Discurso elaborando o que havia de conteúdo linguístico estruturalista e conceitos como a arbitrariedade do signo ao pensamento de Michel Pêcheux. As autoras atribuem ainda a Michel Foucault a teoria do discurso e o conceito de formação discursiva, dando forma ao que a análise do discurso teria como objeto a partir dali: o discurso. Vejamos mais um trecho das autoras:

(...) faz-se necessária uma breve apresentação de dois conceitos destas duas disciplinas: o de real da língua e o de real da história. O primeiro diz respeito àquilo que escapa à língua e que a revela enquanto sujeita a falhas. É o que Lacan denominou de *lalangue*, em português, *alíngua*. O segundo diz respeito ao real que a história comporta e que seria o da luta de classes. A psicanálise lacaniana trabalha essencialmente com o real da língua e a AD alia a este conceito o real da história. Juntos, estes dois reais trabalham para a construção de sentidos do objeto de estudo da AD, e também da psicanálise, que é o discurso. (TFOUNI e LAUREANO, 2005, p. 135).

Abordaremos mais adiante o conceito de "*lalangue*" (ou *alíngua*). Este trecho é mencionado neste momento para evidenciar um ponto de intersecção entre a psicanálise e a análise do discurso, duas disciplinas que aproximam um objeto de estudo, a língua falada, embora nem sempre tenham a mesma materialidade e enfoque. É fundamental compreender que, para a psicanálise, o

discurso que mais interessa é o discurso do analisante e os elementos que lhe conferem materialidade. Nesta dissertação, o *corpus* de análise consiste nos discursos dos analisantes em situação de transferência.

Na Análise do Discurso, todo discurso é passível de análise, inclusive intuímos que o discurso do analisante também o é. No entanto, há uma delimitação sobre quais discursos interessam a cada campo teórico-discursivo que são abordados nesta dissertação.

No entanto, a interlocução de maior interesse para nós entre a Análise do Discurso e a Psicanálise é, sem dúvida, a questão do sujeito. Cohen (2023, p. 89) destaca que o principal ponto de interseção entre a psicanálise e a Análise do Discurso é a questão do sujeito. A autora ressalta que nos contextos linguísticos, os sujeitos que aparecem são apenas os sujeitos gramaticais, o que orienta análises morfológicas e semânticas em um contexto circunscrito a um dizer que não é necessariamente do sujeito da linguagem falada. Como mencionado anteriormente, o sujeito de interesse é o sujeito-falante.

A autora segue com o seguinte trecho:

Esse sujeito em sentido lato a que nos referimos, o não-linguístico ou não-gramatical, teria um correspondente parcial no que Pêcheux considera como sujeito locutor, ou o da enunciação, aquele que toma posição nos seus enunciados, “com total conhecimento de causa, total responsabilidade, total liberdade”. A noção do que chama forma-sujeito não para aí e desdobra-se ainda no sujeito “universal ou de ciência ou do que se pretende como tal, ou seja, o pré-construído, o sempre-já aí da interpretação ideológica que fornece - impõe a realidade e seu sentido sob forma de universalidade – o mundo das coisas”. (COHEN, 2023, p. 97).

Dessa forma, identificamos um sujeito que emerge da constituição de uma nova teoria, a Análise do Discurso. Estamos diante de um sujeito que se manifesta a partir da transdisciplinaridade proposta nesta pesquisa, indicando um espaço em que a clínica também é atravessada por essa nova noção de sujeito presente no discurso. Trata-se de um sujeito que opera e é operado pelas formações discursivas que o atravessam, ou ainda, que o constituem. Abordaremos com maior profundidade essas ideias na seção intitulada "Qual Sujeito?" deste trabalho.

Por fim, extraímos pequeno excerto sobre a transdisciplinaridade entre Análise do Discurso e Psicanálise, como certa síntese do que acreditamos ser orientador à nossa pesquisa. Vejamos o trecho a seguir:

(...) quisemos apontar, ainda que brevemente, a possibilidade do estabelecimento de uma interface – uma interdisciplinaridade – entre a Análise do Discurso e a Psicanálise. Para tanto, evocamos aspectos da teoria semiolinguística e buscamos associá-los a aspectos da teoria psicanalítica, sobretudo a de orientação lacaniana. A possibilidade de uma interface não implica em uma teoria subsumir a outra, mas, antes, na possibilidade de pontos de encontro, de contribuição, de co-participação. A Análise do Discurso nasce daí, da interlocução entre uma teoria da língua, a linguística, uma do sujeito, a psicanálise, e uma teoria da sociedade, o marxismo. Com um início tão rico e profícuo, uma teoria desse tipo só tem a ganhar ao manter tais aspectos que, ainda hoje, lhes são subjacentes. Assim, abrir espaço para uma psicanálise de orientação lacaniana, e pensar nas possibilidades de se ver o sujeito contemporâneo a partir de uma lógica que considera que seu inconsciente, por ser estruturado como linguagem, encontra-se em situação de porosidade frente ao mundo, absorvendo-o, filtrando-o, a partir dos significantes que lhes são oferecidos para se identificar. (MIRANDA, 2013, p. 234).

1. LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE

É amplamente reconhecido, conforme evidenciado na introdução deste trabalho, que a linguística e a psicanálise mantêm uma relação íntima, revelando estreitas interconexões em diversas direções. A interseção dessas disciplinas é notável ao considerar como a análise da linguagem pode arrojear luz sobre os processos mentais subjacentes e, inversamente, como os conceitos psicanalíticos podem oferecer insights valiosos para a compreensão da linguagem.

Michel Arrivé (1994), ao explorar essa confluência, adverte sobre a complexidade e a riqueza dessa interação. A linguística, ao investigar a estrutura e a função da linguagem, proporciona um terreno fértil para compreender os mecanismos inconscientes presentes na expressão verbal. Por outro lado, a psicanálise, em seu exame das profundezas da psique humana, encontra na linguagem uma ferramenta primordial para acessar e elucidar os recantos mais intrincados do inconsciente.

Linguística e psicanálise têm, ambas, que ver com a linguagem. Constituem então dois domínios contíguos. O problema que de início se levanta é o da fronteira que as separa: intransponível muralha da China - como dizem às vezes? Ou frágil treliça? Para instalar-me na metáfora, prefiro descrevê-la como um biombo ao mesmo tempo poroso e trespassado de aberturas.

Desse modo oferecem duas possibilidades de passagem. Escolhi a mais fácil - pelo menos a que assim parece: a passagem pelas aberturas. Cabe-nos descobri-la. Uma delas, por certo, poderia ser delineada pelo exame dos problemas da afasia: seria útil confrontar a visão de Freud, a de Jakobson, e as dos atuais especialistas no problema. (ARRIVÉ, 1994, p. 72).

Para embasar este tópico da dissertação, serão utilizadas referências de autores centrais na discussão. Sigmund Freud e Ferdinand de Saussure como clássicos e indispensáveis, mas utilizando, sobretudo, autores contemporâneos com leituras amadurecidas do tema. Saliento Bruno Focas Vieira Machado, o próprio Michel Arrivé, já citado, e com destaque particular para Maria Antonieta Cohen, ou Tilah. Cohen, é autora do livro intitulado *Ensaio de Linguagem e Psicanálise* (2023), já citado no presente trabalho. Em sua introdução:

(...)Freud dissecou questões linguísticas como o faria um gramático. Queremos assinalar que essas questões perpassam toda a sua obra; basta que nos interessemos pelo tema e aí encontraremos muito

material para discussão. Embora Freud não tivesse como objetivo descrever línguas ou mesmo teorizar sobre elas, o campo da palavra é o único meio e instrumento da Psicanálise. Através de lapsos de linguagem, esquecimentos e erros, que promovem uma descontinuidade da fala, ou de repetições (...), e de inúmeros outros fenômenos linguísticos, o inconsciente pode se manifestar. (COHEN, 2023. p 19).

Essa interlocução, conforme destacado por Cohen (2023), encontra raízes que remontam aos primórdios dos trabalhos de Freud. Já em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, percebemos os primeiros sinais do amadurecimento do pensamento freudiano em relação à intrínseca conexão entre linguagem e psicanálise. Aprofundando-se nesse vínculo, Freud lançou as bases para uma compreensão mais profunda de como a linguagem se entrelaça com os processos psíquicos, delineando um terreno fértil para futuras explorações nesse campo.

Tratamento psíquico quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento – seja das perturbações anímicas ou físicas – por meios que atuam, em primeiro lugar e de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano.

Um desses meios é sobretudo a palavra, e as palavras são também ferramenta essencial do tratamento anímico. (FREUD, 1980, p. 267).

O mesmo Freud, já em 1915, espaço temporal onde a psicanálise já era o centro consolidado de suas produções, diz que “As palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservam muito do antigo poder mágico” (FREUD, 1915, p. 29).

Cohen (2023), ao ressaltar essa continuidade entre os insights de Freud e os contemporâneos estudos sobre linguagem e psicanálise, contribui para a construção de uma linha temporal que evidencia a evolução e a consolidação dessas ideias ao longo do tempo. Essa abordagem histórica fortalece a base conceitual da dissertação, contextualizando a interação entre linguística e psicanálise em um espectro mais amplo de desenvolvimento teórico.

Machado (2011), sintetiza:

As articulações e as indagações sobre a linguagem se encontram na base e na origem da prática psicanalítica de Sigmund Freud. De fato, Freud, por sua descoberta clínica e teórica, pode ser visto como aquele que antecipou a teoria da linguística e as indagações sobre a estrutura do discurso. Seu ensino, desde os primórdios, focou sobre a questão da palavra e de seus efeitos na formação do sintoma, nos estratos do

aparelho psíquico, no próprio inconsciente e na constituição do sujeito. (MACHADO, 2011, p. 271).

Mais do que uma análise caso a caso, percebemos que Freud expande e universaliza a questão da linguagem, considerando o significante "linguagem" como de abrangência indistinta no método psicanalítico. Em outras palavras, a Psicanálise não é simplesmente informada pela linguagem; ela é intrinsecamente constituída por ela, desenvolvendo-se a partir desse substrato linguístico. Cohen (2023) destaca uma evidência crucial desse pensamento freudiano:

Empreendi desde então várias outras análises de casos de esquecimento ou reprodução errônea de uma sequência de palavras, e o coincidente resultado dessas investigações inclinou-me a supor que o mecanismo de esquecimento acima demonstrado nos exemplos do *aliquis* e de "A noiva de Corinto", tem uma validade universal. (FREUD, 1901, p. 35).

Abordamos a universalidade da linguagem como algo presente nas línguas humanas faladas. Embora a linguística, e em menor medida a psicanálise, também se ocupem da linguagem escrita, o foco deste trabalho reside na distinção específica que Cohen (2023) denomina como "Linguagem articulada humana falada".

Como já colocado, o *corpus* desta pesquisa é de natureza clínica, composto por falas de sujeitos em contexto analítico. Essa escolha metodológica estabelece uma ligação significativa com a universalidade da linguagem falada encontrada nos textos freudianos. Ao extrairmos expressões verbais de indivíduos em um setting analítico, buscamos mergulhar nas nuances da comunicação oral, alinhando-nos assim com a abordagem predominantemente oral da linguagem nos escritos de Freud. Essa aproximação enfatiza não apenas a relevância da linguagem falada no contexto clínico, mas também estabelece um diálogo direto com a base teórica fundacional da psicanálise.

Quando nos aprofundamos na análise dos eventos de linguagem presentes nas línguas faladas, abrimos as portas para uma abordagem descritivista no contexto psicanalítico. Jacques Lacan (1957), em seu texto "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud", seleciona alguns textos de Freud para justificar o interesse constante da psicanálise na linguagem.

Nela, Lacan destaca três textos fundamentais nos quais o fundador da psicanálise explora seu interesse pela linguagem, ou, se ampliarmos, pela linguística. Esses textos são "A Interpretação dos Sonhos", "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" e "Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente".

Nesses três textos, percebemos, sobretudo, um tom descritivista na obra freudiana, despertando uma atenção especial de Jacques Lacan para as complexidades da linguagem. Machado (2011) observa que esses escritos abordam a forma como Freud se posiciona diante da linguística e das atuais teorias discursivas, temas que serão explorados posteriormente neste trabalho. O autor ainda destaca que esses textos são formas de compreender "como o sujeito é afetado pela linguagem de forma integral e como as associações linguísticas operam no inconsciente por meio de homonímias, associações, homofonias e aglutinação de sílabas" (MACHADO, 2011, p. 272).

Nesse contexto, Cohen (2023) contribuirá:

Nesses casos trabalha-se com estruturas/expressões/significados linguísticos e categorias bem conhecidas dos profissionais da linguagem, que estudam a língua cientificamente: fonemas, morfemas, sintagmas, interpretação semântica etc., **embora Freud não os nomeie assim**. Nesse sentido, nossa leitura é de certa forma, anacrônica. Há uma imissão do presente no passado, ao entendermos o texto de Freud nos valendo de desenvolvimentos das teorias linguísticas que lhe são cronologicamente posteriores, embora a natureza do fenômeno linguístico não tenha se alterado. (COHEN, 2023, p. 32, grifo nosso).

Dos textos mencionados, extraímos com especial atenção "Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente". Nesse trabalho, Freud (1905) empenha-se incansavelmente em explorar inúmeros exemplos de lapsos e acidentes de linguagem que compõem a técnica que ele nomeia como "Chiste", tratando-a como uma novidade inovadora na sua abordagem.

Em sua análise, Freud apresenta diversos eventos, como o "familiarão", por exemplo, para ilustrar os intrincados fenômenos linguísticos que se formam por meio de condensação, metonímia, separação de palavras, homofonia, entre outras formas. A multiplicidade desses mecanismos é tão extensa que, em determinado ponto do texto, Freud interrompe a narrativa para enumerar os diversos modos de formação de chistes que já haviam sido citados até aquele momento. São esses:

I - Condensação:

- (a) com formação de palavra composta;
- (b) com modificação.

II - Múltiplo uso do mesmo material:

- (c) como um todo e suas partes;
- (d) em ordem diferente;
- (e) com leve modificação;
- (f) com sentido pleno e sentido esvaziado.

III - Duplo sentido:

- (g) significado como um nome e como uma coisa;
- (h) significados metafóricos e literal;
- (i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras);
- (j) *double entendre*;
- (k) duplo sentido com uma alusão. (FREUD, 1905, p. 62).

Nesse ponto, percebe-se a preocupação descritiva de Freud em detalhar minuciosamente os modos de formação linguística dos chistes. Embora pudéssemos, nesta instância, tentar uma compreensão minuciosa de cada um desses elementos à luz da linguística contemporânea, parece-nos inadequado fazê-lo neste trabalho. Esta demonstração busca explicitar que as interlocuções e o entendimento da proximidade de suas descobertas com os saberes linguísticos já desenvolvidos não estavam distantes do psicanalista.

Certamente, avancemos na análise de um dos casos apresentados por Freud, buscando situar-nos diante da vastidão de possibilidades por ele exploradas.

Contaram-me certa vez o seguinte chiste de condensação. Um jovem que vinha levando uma vida boêmia no estrangeiro retribuiu, após longa ausência, uma visita a um amigo que morava aqui. O último surpreendeu-se ao ver uma *Ehering* [aliança de casamento] na mão do visitante. 'Como?' exclamou ele, 'você casou-se?' 'Sim', foi a resposta, '*Trauring*, mas verdadeiro'. O chiste é excelente. A palavra '*Trauring*' combina ambos os componentes: '*Ehering*' transformado em '*Trauring*' e a sentença '*traurig, aber wahr* [triste, mas verdadeiro]'. O efeito do chiste não sofre interferência do fato de que a palavra composta aqui não seja, como '*famillionär*', uma estrutura ininteligível e, de outra maneira, inexistente, sendo antes uma palavra que coincide inteiramente com um dos dois elementos representados. (FREUD, 1905, p. 33).

Freud explicita a condensação como um mecanismo evidente nesse processo. A diferença do chiste "Trauring" do famoso chiste "Famillionário" reside na criação de um novo significante pelo emissor, representando a fusão entre "milionário" e "familiar".

No caso que estamos abordando, a proximidade sonora entre "Trauring" e "Ehering" revela o surgimento do inconsciente na fala do emissor em questão. Ao contrário do caso "familiar", não há a necessidade de criar uma nova palavra formada pela fusão de duas outras. Aqui, o que está em jogo são os dois significantes já existentes nos enunciados, evidenciando a influência direta do inconsciente na escolha e na expressão linguística do sujeito. Os dois se aproximam pela fonética e se entrelaçam, por isso, numa mesma cadeia de significação. O sentido de um esbarra no sentido de outro pela sonoridade e criam ali o processo chistoso descrito por Freud. O que está em jogo no "Trauring" é que o casamento em questão seria indesejado pelo produtor do chiste e nesse caso não há fusão de palavras, mas homofonia parcial (Trauring e Traurig). Já em "Familiar" a questão se dá pela união de dois significantes e formação de uma nova palavra (Familiar e Milionário).

Freud continua a se preocupar com o modo de funcionamento dos chistes em uma perspectiva linguística:

Essa série de exemplos poderia ser facilmente expandida, mas não creio que necessitemos de novos casos para capacitar-nos a captar nitidamente as características da técnica desse segundo grupo - condensação com modificação. Se compararmos o segundo grupo com o primeiro, cuja técnica consistia na condensação com formação de palavra composta, verificaremos facilmente que a diferença entre eles não é de caráter essencial e que as transições ocorrem fluentemente. Tanto a formação de palavras compostas como a modificação podem ser subsumidas sob o conceito de formação de substitutos; e, se o desejarmos, poderemos também descrever a formação de uma palavra composta como a modificação de uma palavra básica por um segundo elemento. (FREUD, 1905, p. 43).

E continua ainda a identificar as separações de palavras, condensações, deslocamentos e alguns outros elementos que são processos linguísticos:

O uso múltiplo da mesma palavra, uma vez como um todo e outra nas sílabas em que se divide, é o primeiro caso em que deparamos com uma técnica diferente da condensação. Mas a profusão de exemplos que encontramos deve convencer-nos, após curta reflexão, que a nova técnica descoberta dificilmente deverá limitar-se a esse método. Há inúmeros outros modos possíveis - quantos, é praticamente impossível dizê-lo - pelos quais a mesma palavra ou o mesmo material verbal pode prestar-se a múltiplos usos em uma sentença. Todas essas possibilidades deverão ser consideradas como métodos técnicos de elaborar chistes? Ao que parece, sim, e os exemplos que seguem provarão isso. (FREUD, 1905, p. 44).

Frise-se que, até este ponto do trabalho, Freud está operando dentro de uma lógica descritivista, buscando compreender os intrincados caminhos da composição das palavras e os modos de formação de cada uma delas. Sua abordagem assemelha-se a um modelo cartesiano de entendimento, no qual as letras e a maneira como os significantes são escritos assumem um papel de destaque em sua análise dos chistes.

No entanto, ao nos aprofundarmos na parte do texto "Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente" que Freud denomina "parte Sintética", observamos a inauguração de diversos novos elementos de análise. Inicialmente, pensamos no jogo libidinal inerente à escrita freudiana, que analisa os efeitos pulsionais dos chistes. Freud (1905, p. 72) vai dizendo do "prazer peculiar que os chistes proporcionam".

Freud (1905) descreve o fenômeno relacionado à produção de chistes: a liberação de um excesso de energia psíquica que ocorre durante o ato de elaborar um chiste. Segundo sua teoria, o processo de formular e compreender um chiste envolve um gasto de energia mental significativo, um acúmulo de tensão psíquica que é liberado no momento em que o chiste é compreendido ou quando provoca risos. Essa liberação de energia está ligada a um prazer inconsciente que o sujeito experimenta ao conseguir elaborar um chiste com sucesso. A elaboração bem-sucedida de um chiste não apenas proporciona alívio à tensão psíquica acumulada, mas também gera um prazer adicional relacionado à satisfação da pulsão. O chiste, nesse sentido, serve como uma forma de canalizar e descarregar o excesso de energia psíquica, oferecendo ao sujeito uma experiência de prazer inconsciente associada à expressão chistosa. Essa dinâmica sublinha a relação complexa entre a elaboração de chistes, a energia psíquica e os processos linguísticos na teoria freudiana.

No entanto, há algo ainda mais significativo para este trabalho na fase "sintética" do texto sobre os chistes. Freud começa a incluir, de maneira mais explícita, a interferência do Outro na formulação do mecanismo cômico. Vamos examinar:

Estaremos certos em descrever as coisas tal qual são sem nos importarmos em considerar a forma pela qual nosso ouvinte entenderá o que dissermos? Ou será essa uma verdade jesuítica, a verdade autêntica **consistindo em levar o interlocutor em consideração**, fornecendo-lhe um quadro fiel de nosso próprio conhecimento? Acho

que os chistes desse tipo divergem suficientemente dos demais para que lhes seja conferida posição especial. (FREUD, 1905, p.165, grifo nosso).

O excerto em questão é extraído do penúltimo parágrafo anterior à parte sintética do texto sobre os chistes. Optamos por essa seleção para ilustrar principalmente o termo "interlocutor", que, pela primeira vez na narrativa, é interpretado como dotado de relevância para quem escuta o chiste produzido. Nesse momento do texto, Freud inicia uma abordagem mais explícita sobre a influência do Outro na formulação do chiste. Essa inserção do termo "interlocutor" sugere uma mudança de foco em direção à consideração da audiência na análise dos chistes, marcando um ponto crucial na compreensão do fenômeno humorístico freudiano: a discursividade!

É na segunda parte do texto que Freud escreve, explicitamente:

Nesse levantamento das realizações dos **chistes tendenciosos**, a maior proeminência é assumida – como se verifica facilmente – pelo efeito dos chistes sobre as pessoas que os escutam. Mais importantes, no entanto, do ponto de vista de nossa compreensão são as funções cumpridas pelos chistes na mente da pessoa que os inventa, ou os atualiza, enfim, a pessoa a quem eles ocorrem. Já propusemos (...) que devíamos tentar estudar o fenômeno psíquico dos chistes com referência à sua distribuição entre duas pessoas. (FREUD, 1905, p.187, grifo nosso).

Freud enfatiza consistentemente que o chiste demanda a presença de outra pessoa para ocorrer. Dessa maneira, é intuitivo pensar que esse "Outro" está integralmente incluído na formulação linguística que o locutor utiliza para elaborar o evento humorístico. Salientamos a presença do termo "chistes tendenciosos", conceituação apresentada por Freud que parte da intenção de um chiste direcionado a um Outro, sejam pessoas ou instituições (FREUD, 1905).

Em seguida, tanto temporal quanto tecnicamente, avançaremos sobre os encontros teóricos entre a psicanálise e a linguística. Apesar de ter sido afirmado que essa interseção sempre existiu, parece-nos que Jacques Lacan conferiu maior consistência e notoriedade a esse encontro. Nessa perspectiva, Machado (2011) denominou o relacionamento como "Freud e Saussure: um encontro mediado por Lacan", observando que Lacan resgata uma leitura atenta de Freud

ao utilizar o Curso de Linguística Geral (CLG), principalmente em seu texto "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud".

1.1 Saussure e Lacan: curso geral da instância da letra no inconsciente saussureano ou a razão desde a linguística lacaniana?

Ao aventurarmo-nos a abordar a interseção entre linguística e psicanálise, torna-se imperativo realizar recortes técnicos e temporais para evitar a dispersão na vastidão desse universo praticamente indissociável. Neste trabalho, reconhecemos, por exemplo, o Seminário XX, de Jacques Lacan, intitulado "Mais Ainda", especialmente o capítulo "A Jakobson", assim como os textos que delineiam tanto aproximações quanto rompimentos estabelecidos por Lacan com Benveniste e vice-versa, sobretudo nas menções que um autor faz ao outro ao longo de suas obras. Contudo, é nos nossos estudos do Curso de Linguística Geral (CLG) de Saussure e no texto "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud", de Jacques Lacan, que nos concentraremos para a teorização neste campo.

Machado (2011, p. 274) argumenta que "A aproximação entre Freud e Saussure foi promovida a partir do encontro de Lacan com o texto freudiano na década de cinquenta pela via do estruturalismo linguístico", moldando aquilo que ele próprio denominou como uma certa mediação de Lacan nas questões abordadas.

A porta do estruturalismo é atravessada por ambas as teorias em jogo. Há um ponto comum entre Linguística e Psicanálise, uma convergência "freudosaussureana", como Cohen (2023) interpreta:

O recurso de Lacan à Linguística Estrutural nos anos 1950/1960 é bem conhecido; o reflexo do significante saussureano no significante lacaniano, conceito básico em sua primeira clínica, é extensivamente discutido. Fica também como símbolo desta fase o divulgado e repetido aforismo "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", e o apelo que Lacan faz, em muitos de seus textos desta primeira etapa de seu ensino, até os anos 1960, a outras características estruturais da linguagem humana. (COHEN, 2023, p. 53).

O "Curso de Linguística Geral" não foi uma obra diretamente redigida por Ferdinand de Saussure. Na realidade, trata-se de uma compilação editada por Charles Bally e Albert Sechehaye após a morte de Saussure. Essa obra foi

construída a partir de anotações feitas durante os cursos proferidos pelo linguista na Universidade de Genebra nos anos acadêmicos de 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911. Além das contribuições de Bally e Sechehaye, o aluno Albert Riedlinger também desempenhou um papel significativo na edição do texto. Essa compilação, fundamentada nas ricas exposições de Saussure sobre linguística, tornou-se uma obra seminal que influenciou profundamente o desenvolvimento da linguística estruturalista. Essa obra também serve de base para as investigações lacanianas que buscam aproximar a linguística e a psicanálise. Neste trabalho, é importante ressaltar que, embora a publicação original seja datada de 1916, estamos utilizando a edição da Cultrix, lançada em 2006.

Ferdinand de Saussure (2006), amplamente reconhecido como o precursor da linguística moderna, delineava a língua como um sistema dual, marcado por uma relação dicotômica e inseparável entre um significado e um significante na constituição do signo. Ele também propunha uma distinção fundamental entre língua e fala, concebendo a primeira como o aspecto estrutural da linguagem, um sistema semiótico, e a segunda como a manifestação singular e particular pela qual a emissão fonética de cada sujeito se relaciona com a língua.

No entanto, Saussure (2006) não concentrou sua atenção no estudo da fala em sua teorização, priorizando os elementos formais da língua. Ele enfatizava que a análise da linguagem se desdobrava em duas dimensões: a língua e a fala, destacando a primeira como primordial e a segunda como secundária. Mesmo com esse destaque na língua, Saussure (2006, p. 80) ressaltava a interdependência e inseparabilidade entre ambas, estabelecendo uma dicotomia semelhante à do signo linguístico, baseada no significante (imagem acústica) e no significado (conceito). Vejamos:

O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces. (...). Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, ou a palavra com que o latim designa o conceito "árvore", está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conforme a realidade e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar.

Esta definição suscita uma importante questão de terminologia. Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* etc.). Esquece-se que se chamamos a *Arbor* signo, é somente porque exprime o conceito

"árvore", de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total. (SAUSSURE, 2006, p. 80).

A explicação é ilustrada pelo exemplo da palavra latina "arbor", usada para designar o conceito de "árvore". Saussure argumenta que as associações estabelecidas pela língua são as únicas que refletem a realidade, rejeitando quaisquer outras conexões imagináveis. A definição proposta levanta uma questão terminológica relevante, já que, embora o termo "signo" refira-se à combinação do conceito e da imagem acústica, o uso comum muitas vezes limita o termo à imagem acústica (por exemplo, a palavra "arbor"). Saussure salienta que, ao chamar "arbor" de signo, estamos fazendo isso porque ela expressa o conceito de "árvore", evidenciando a interdependência essencial entre a parte sensorial e o todo conceitual na natureza do signo linguístico.

Saussure (2006, p. 81) explora o conceito de significante como uma representação sonora que, por si só, carece de um significado intrínseco e não possui uma conexão pré-estabelecida com seu correlato, o significado, compreendido como um conceito. Ele enfatiza que o significante, quando concebido, revela uma dimensão auditiva e uma natureza psíquica, constituindo-se como representações mentais para o falante. Segundo Saussure (2006, p. 81), o significante é caracterizado por sua imotivação, ou seja, sua arbitrariedade em relação ao significado, não estabelecendo nenhum vínculo natural na realidade. Esse princípio, delineado por Saussure (2006, p. 82), emerge como um dos fundamentos essenciais do signo. A imagem acústica só adquire pleno significado ao se entrelaçar com um conceito que a contextualiza dentro de um arranjo linguístico e social específico (SAUSSURE, 2006).

Como ressaltado por Cohen (2023, p. 71), um bom fragmento para sintetizar essa questão vem do próprio Saussure onde "uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significando e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo." (SAUSSURE, 2006, p. 90).

Em segmento posterior, Saussure realiza uma reflexão mais aprofundada sobre a expressão "arbitrário", destacando que sua utilização não implica uma seleção casual, mas sim uma característica de ser "imotivado". Nesse contexto, a arbitrariedade refere-se à ausência de uma relação intrínseca entre o significante e o significado, indicando que a escolha de um determinado

significante para representar um conceito não é determinada por características naturais ou lógicas. Vale ressaltar que o termo "imotivado" não implica que qualquer significante possa receber um significado completamente distinto, mas sim que a conexão entre o som e o conceito é estabelecida de maneira convencional e convencionada dentro de um sistema linguístico específico (SAUSSURE, 2006, p. 83).

1.2 A entrada em Lacan

Refletir sobre a inserção de Jacques Lacan na temática da linguagem implica considerar também a forma como a psicanálise adentra essa episteme. Abordaremos, assim, a perspectiva de Lacan sobre os conhecimentos linguísticos e os modos de intervenção da linguagem na teoria lacaniana.

Nesse contexto, as considerações de Machado (2011) e Cohen (2023) oferecem uma contribuição significativa para a compreensão dessas questões. Os teóricos desenvolvem uma abordagem que busca desvelar como Lacan concebe os saberes linguísticos e analisa as maneiras pelas quais a linguagem atua na teoria psicanalítica.

Sobre a entrada de Lacan, Machado (2011) pensou assim:

Se a estrutura é uma redução a suportes elementares, é uma máquina que pretende funcionar, ela só conta com que é simbolizado em um funcionamento automático. Os efeitos de sujeito, que se prestam ao real que escapa ao simbólico, para essa máquina, não existem. Para Lacan, por sua vez, há algo na estrutura da linguagem e no lugar do Outro que é irreduzível e impossível de ser integrado ao campo do significante. Trata-se do objeto *a* e da dimensão de linguagem que ele denominou *alíngua*. É pela via do objeto *a* que a noção de Estrutura foi progressivamente se esgotando no ensino de Lacan. Se a Linguística adentrou a Psicanálise pela via do retorno a Freud promovido por Lacan nos anos cinquenta, a Psicanálise adentrou a Linguística por essas falhas irresolúveis no sistema linguístico. Essas falhas, essa impossibilidade de um discurso ou de uma estrutura discursiva se fazer consistente, é representada por Lacan pelo seu paradoxo do "discurso sem palavras". (MACHADO, 2011, p. 282).

Cohen (2023), ao examinar as afinidades e discrepâncias entre Lacan e Saussure, pondera que o psicanalista não faz menção às dicotomias saussurianas, tais como língua e fala, sincronia e diacronia, língua falada e língua escrita, forma e substância. A autora ressalta, adicionalmente, que, para Saussure, a dicotomia fundamental à psicanálise, "significado/significante", não é dicotomizada por Lacan. Parece que, para Lacan, não é a presença do

significado que desperta interesse, mas sim a proeminência do significante. Este ponto de vista determina um tensionamento na relação entre as teorias de Lacan e Saussure, promovendo uma análise mais aprofundada das nuances desses conceitos linguísticos na perspectiva psicanalítica de Lacan.

A autora continua destacando que, em Lacan, a abordagem linguística se concentra "no nível do significante, no nível sintagmático", acrescentando que é nesse contexto que se entrelaçam os mesmos tipos de relação presentes na metáfora e na metonímia. Esse enfoque destaca a proeminência dessas duas estratégias linguísticas analisadas pelo psicanalista. No âmbito desses conceitos, metáfora e metonímia, desdobram-se os processos de condensação e deslocamento, respectivamente. (COHEN, 2023).

Cohen (2023, p. 61) propõe uma linha de pensamento baseada na "Instância da Letra...", onde Lacan explora suas leituras de Saussure e do linguista contemporâneo Roman Jakobson:

- i. significante: relações sintagmáticas: metonímia: deslocamento
- ii. ii. relações paradigmáticas: metáfora: condensação.

Para ilustrar essas ideias, recorro a dois breves trechos de Lacan na "Instância da Letra...", um para abordar a metáfora e outro a metonímia. Vejamos:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.
Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora, e, caso seja você poeta, produzirá, para fazer com ela um jogo, um jato contínuo ou um tecido resplandecente de metáforas. (LACAN, 1998, p. 510).

Nessa formulação, deparamo-nos com uma expressão prática das relações metafóricas às quais Lacan se refere ao elaborar a interlocução entre a linguagem e o inconsciente. Aqui, observamos um psicanalista que interpreta um processo linguístico de condensação, transformando-o em uma ferramenta para identificá-lo no discurso do analisante.

Ainda a respeito dessa citação, Cohen (2023, p. 61) pondera que, ao estabelecer uma conexão entre metáfora e condensação, Lacan realiza uma transição da linguística para a semiologia, embora essa transição não esteja explicitamente delineada no texto. Essa correlação remete à definição saussureana de semiologia como "a ciência geral dos signos, à qual a linguística se afilia". A citação de Cohen, leitora de Saussure em nosso tempo, encontra ancoragem certa na obra de Saussure, sobretudo quando o autor afirma "cabem ao psicólogo determinar o lugar exato da semiologia; a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos." (SAUSSURE, 2006, p. 24). Lacan avança no lugar que dá à semiologia.

Avançando agora nos dizeres lacanianos sobre metonímia, destacamos que, nos Escritos de Lacan, a metonímia é valorizada anteriormente à metáfora. Essa preferência talvez decorra do processo delineado no trecho acima, onde a entrada da metáfora na cadeia significante parece depender de um processo metonímico que a autorize a ingressar.

Quanto à metonímia, Lacan (1998, p. 509) explana sobre a parte que representa o todo, ilustrando com a correlação entre as velas de um barco e o barco como um todo. Ele sugere que as velas, ao serem visualizadas, indicam a presença do barco na cena, mesmo que o barco completo não seja mencionado integralmente em uma frase. Lacan (1998, p. 509) complementa afirmando que "A ligação do navio com a vela não está em outro lugar senão no significante, e é na passagem de palavra em palavra dessa conexão que se apoia a metonímia." Esse entendimento ressalta a importância da dimensão significante na construção da metonímia, onde a conexão entre as palavras desempenha um papel fundamental.

Lacan estabelece uma relação entre as metáforas e a poesia no texto em questão, frequentemente utilizando versos para ilustrar seus conceitos. Em uma dessas ilustrações, Lacan (1998, p. 512) resgata uma passagem da carta de Paulo, o apóstolo, aos coríntios, que afirmava, nas palavras de Lacan, que "É fato que a letra mata, dizem, enquanto o espírito vivifica". Essa expressão sugere a intervenção de um espírito na letra, sendo este constituído por ela. Imbuído da discursividade religiosa, Lacan chega a afirmar que "Essa revelação foi feita a Freud, e ele deu a sua descoberta o nome de inconsciente" (LACAN, 1998, p.

513). O trecho ganha ainda mais relevância quando, na abertura do tópico seguinte, o autor sugere que:

A obra completa de Freud nos apresenta uma página de referências filológicas a cada três páginas e, por toda parte, uma apreensão dialética da experiência, vindo a analítica linguageira reforçar ainda mais suas proporções à medida que o inconsciente vai sendo mais diretamente implicado. (LACAN, 1998, p. 513).

Refletimos que este seja o momento em que faz mais sentido conceder voz a um dos elementos centrais deste texto. É nesse instante que Lacan confere a palavra e concede ao sujeito o poder de intervir e se constituir por meio da linguagem. Em 1964, durante o Seminário 11 (Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise), Lacan proclama uma máxima de importância fundamental: "O inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala; em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem."

1.3 Fala e língua

Quando nos propomos a realizar comparações entre Saussure e Lacan, torna-se imperativo avançar até o ponto em que emergem os conceitos de língua e fala, bem como seus correspondentes em Lacan. Nesse contexto, é essencial explorar a maneira como esses dois pensadores abordam a dicotomia entre língua e fala, considerando suas implicações na teoria linguística e psicanalítica.

Na perspectiva do linguista Ferdinand de Saussure, o estudo da linguagem se desdobra em dois domínios distintos: Língua e fala. Nesse contexto, a língua é destacada como o objeto central da ciência linguística. Saussure define a língua como "multiforme e heteróclita", "social em sua essência e independente do indivíduo" (SAUSSURE, 2006, p.17), ressaltando que seu estudo é de natureza "unicamente psíquica". O autor enfatiza que a língua não constitui um fenômeno individual, uma vez que nenhum falante a possui em sua totalidade. Em outras palavras, nenhum indivíduo carrega consigo todo o universo da língua. Assim, a língua se manifesta na coletividade, cada um contribuindo com sua parte para a totalidade da língua (SAUSSURE, 2006).

Conforme concebida por Saussure, a "fala" corresponde à "parte individual da linguagem" e possui características psicofísicas. Trata-se da expressão concreta da linguagem que é produzida pelo falante, sendo que, para ser articulada, ela depende "da ajuda instrumento criado e fornecido pela coletividade" (SAUSSURE, 2006, p. 20), ou seja, a "língua". Em outras palavras, a "fala" é a materialização individual da "língua" pelo falante. Nesse contexto, quando o indivíduo fala, ele utiliza "partes" da estrutura maior que é a "língua". Essa distinção evidencia a interdependência entre a capacidade individual de expressão e o sistema linguístico compartilhado pela comunidade.

Vejam os:

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, (...)

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Lacan, em seu texto "Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise" (1957), enfatiza que "Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas de um meio: a fala do paciente" (LACAN, 1998, p. 248). Esse trecho ressalta a relevância desse conceito na teoria lacaniana, equiparando-o à lógica saussureana para compreender a fala. Além disso, Lacan continua afirmando que "mostraremos não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise" (LACAN, 1998, p. 248).

Ao longo do texto mencionado, o psicanalista explora a distinção entre o que ele chama de "linguagem" e "fala", estabelecendo um espectro dicotômico semelhante à distinção entre língua e fala de Saussure. Vicenzi (2009) aborda essa temática da seguinte maneira:

Já a definição saussuriana de "língua" influenciou Lacan sob o aspecto de "estrutura", pois o conceito de linguagem é definido pelo autor como uma estrutura que "preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental" (1957/1998, p.498). Ou seja, para Lacan, a "linguagem" é independente dos indivíduos, da mesma forma

que o conceito saussuriano de "língua". Além do mais, dentro da perspectiva lacaniana, a linguagem não se confunde com "as diversas funções somáticas e psíquicas [...] no sujeito falante" (1998, p.498). Em contraposição ao conceito de "linguagem", a "fala" é reconhecida por Lacan como "material e individual", tal como Saussure. (VICENZI, 2009, p. 30).

A distinção entre língua e fala, conforme delineada por Saussure e Lacan, revela aspectos de interesse particular. Ambos os autores ressaltam a presença da cultura na língua saussureana ou na linguagem lacaniana. Essa formação cultural, longe de depender exclusivamente do sujeito, é, na verdade, uma composição na qual o sujeito também desempenha um papel ativo.

Vamos então adentrar mais profundamente no que Lacan, no texto "O saber do Psicanalista", em 4 de novembro de 1971, denominará pela primeira vez como "Lalangue". O autor reitera que o inconsciente não se estrutura como "alingua", mas sim como uma linguagem (p. 15), estabelecendo uma distinção muito semelhante à distinção entre língua e fala proposta por Saussure (2006). Lacan prossegue afirmando que o inconsciente "tem muito a ver no início com a gramática" (p. 15), mas que não se resume ao dicionário, ressaltando novamente que o inconsciente não se encaixa no conceito de língua proposto por Saussure ou mesmo no senso comum. A essa língua, que Lacan denomina de linguagem, atribuímos a emergência da comunicação e sua funcionalidade que parece corresponder ao dicionário. Entretanto, não é esse o foco de nossa discussão neste momento.

No Seminário XX, intitulado "Mais, ainda", Lacan revisita o conceito de "lalangue" ou "alingua" e continua a explorar essa forma singular de exercício da linguagem. O conceito de "lalangue" em Lacan é frequentemente associado à sua ideia de linguagem como um sistema que transcende a mera comunicação de significados claros e estáveis. Lacan usa o termo "lalangue" para se referir a uma dimensão da linguagem que está mais próxima do corpo e dos processos inconscientes, em contraste com a linguagem estruturada e normativa da fala cotidiana (LACAN, 1972, p. 188).

Ele argumenta que, enquanto a linguagem comum está ligada ao significado e à comunicação consciente (ou inconsciente), a "lalangue" está relacionada a uma linguagem mais primordial e fluida, que está ligada ao desejo e aos processos inconscientes. Para Lacan, a "lalangue" é uma expressão mais

direta do inconsciente, uma expressão da linguagem que está mais próxima da pulsão e do afeto, e que muitas vezes escapa ao controle consciente do sujeito. Vejamos:

S², eu chamo isso. É preciso saber ouvi-lo – será dois ou dos que se fala? É igualmente enunciado que a linguagem serve para a comunicação. Comunicação – a propósito do que, é preciso perguntar-se, a propósito de que *os*? A comunicação implica a referência. Só que, uma coisa é clara, a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo *alingua*. *Alingua* serve para coisas inteiramente diferentes na comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *alingua*, essa *alingua* vocês sabem que eu escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *alingua* dita materna, e não por nada dita assim. (LACAN, 1972, p. 188).

Lacan estabelece uma íntima relação entre o conceito de "alingua" e a noção de fala delineada por Saussure. Ele parece convocar o analista a escutar o que "alingua" exprime clinicamente, em vez de nos determos apenas na linguagem estruturada. Vejamos, a linguagem formal também carrega consigo elementos centrais aos processos analíticos, mas Lacan sublinha a necessidade de escutar algo que escapa à formalidade. Os processos inconscientes que se manifestam na fala dos pacientes parecem estar mais próximos de "alingua" do que da linguagem convencional. O inconsciente, concebido por Lacan como estruturado como uma linguagem e inicialmente moldado por elementos lexicais, parece reconfigurar-se de forma singular em resposta a esse novo modo de expressão, que não é compartilhado por todos, mas que se refere a um único sujeito: "Lalangue".

Tanto em Saussure quanto em Lacan, a fala (ou *alingua*) emerge como o elemento singular de expressão da língua (ou linguagem). Nesse âmbito, o sujeito não apenas intervém na linguagem, mas também é modificado por essa interação, resultando em uma relação dinâmica entre o sujeito e a expressão linguística. Essa convergência nos aspectos da língua e da fala destaca a interação complexa entre o sujeito, a cultura e a linguagem, evidenciando a riqueza das contribuições desses pensadores para a compreensão dos processos linguísticos e psicanalíticos.

2. QUAL SUJEITO?

A definição de sujeito parece-nos fundamental na construção desta dissertação. Pensamos que a interlocução dos saberes que aqui estão em jogo nos convoca a refletir o que é sujeito nesse lugar “entre” que aqui refletimos. Embora estejamos distantes de qualquer unanimidade, falaremos de algumas visões sobre o que é o sujeito para a linguística estrutural, para a análise do discurso e para a psicanálise.

O objeto do estudo em questão são fragmentos de sessões de análise realizadas em meu consultório, o que já me posiciona em um lugar específico quando proponho selecionar alguma definição de sujeito: o sujeito falante. Estamos tratando da língua falada, não da escrita. Essa posição já orienta o que trabalharemos a partir daqui, visto que o sujeito na escrita pode ser um conceito distinto e não está posto no escopo desse trabalho. Ver introdução deste trabalho na página 11.

Para melhor entendimento do pensamento de Michel Pêcheux (1975) e das definições que virão a seguir em articulação com a psicanálise, lançarei mão da tese de doutorado de Frederico Carvalho (2008) que reflete a questão do sujeito posta em Pêcheux e em Jacques Lacan. E sobre o porquê da escolha de Michel Pêcheux para falarmos de sujeito, o pesquisador Bruno Machado, em 2013, na sua tese de doutorado, ajuda-nos com a seguinte reflexão:

Especificamente tratando das teorias discursivas, a interlocução entre Psicanálise e Análise do Discurso é fundada a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, no final da década de sessenta. Pêcheux encontrou uma ancoragem teórica no discurso psicanalítico e em algumas proposições lacanianas, fundamentalmente as noções de *sujeito* e de *grande Outro*. É válido, porém, delimitar brevemente de que maneira a Psicanálise perpassou o pensamento pècheutiano em grande parte da sua obra para, comparativamente, poder precisar melhor a maneira pela qual a Psicanálise atravessa o pensamento de Benveniste. (MACHADO, 2013, p. 91).

Afastando-nos, então, dos sujeitos gramaticais ou linguísticos quando buscamos nossas diretrizes, tomamos Michel Pêcheux para construção inicial dessa reflexão. Pêcheux, importante filósofo da linguagem que viveu as transições da linguística estrutural em meados da década de 60, escreve o texto intitulado **Les Verités de la Palice**, em 1975, traduzida em português como **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, publicado em 1988.

A obra de Michel Pêcheux (1975), promove uma reinterpretação do conceito de sujeito que transcende a abordagem tradicional, onde o sujeito é comumente percebido como uma entidade individual e autônoma. Segundo Pêcheux, a noção de sujeito está intrinsecamente ligada às relações de poder e à estruturação discursiva que moldam as formas de enunciação e significação. Pêcheux oferece uma análise aprofundada da interseção entre a semântica e o discurso, lançando luz sobre sua perspectiva do sujeito.

O texto *Semântica e Discurso* abarca três componentes distintos: a) o ponto lógico-linguístico que surge a partir da análise das relativas, apresentando-se como a fundação concreta que valida a transição da esfera linguística para a esfera discursiva; b) o interdiscurso, que revela a faceta ideológica inerente ao discurso; c) a configuração subjetiva do discurso, que emerge como resultado da "interpelação ideológica dos indivíduos como sujeitos". Essa conjugação complexa incorpora alusões provenientes dos domínios da linguística, da história e da psicanálise (CARVALHO, 2008). Atenho-me, mais precisamente, aos itens "a" e "b", que irão nos interessar sobremaneira.

De acordo com Pêcheux (1975), o sujeito é uma construção discursiva que emerge das relações de poder e dos sistemas ideológicos presentes na sociedade. Essa visão se alinha com sua abordagem teórica conhecida como "interdiscurso", que enfatiza como os enunciados individuais são moldados por formações discursivas mais amplas. O sujeito não é apenas um agente que emite enunciados, mas é, em grande parte, constituído por esses enunciados, que são influenciados por posições ideológicas e históricas.

(...) sob a evidência que "eu sou realmente eu" (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas "ideias", minhas intenções e meus compromissos), há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio: "aquele que...", isto é, X, o *quidam* que se *achará aí*; e isso sob diversas formas, impostas pelas "relações sociais jurídico-ideológicas". O futuro do subjuntivo da lei jurídica "aquele que causar um dano..." (e a lei *sempre* encontra "um jeito de agarrar alguém", uma "singularidade" à qual aplicar sua "universalidade") produz o sujeito sob a forma do *sujeito de direito*. (PÊCHEUX, 1975, p. 159).

Ao analisar o discurso, Pêcheux (1975) enfatiza a importância das formações discursivas em moldar a compreensão e a produção de sentidos. O sujeito, nesse contexto, não é um ponto de partida autônomo, mas sim um

produto do entrecruzamento de diferentes discursos que moldam sua expressão e identidade. Como Pêcheux argumenta, o sujeito é constituído como efeito e no cruzamento de posições ideológicas múltiplas, emergindo da rede complexa de relações discursivas que o circundam. Os sentidos surgem da posição dos sujeitos:

(...) colocar *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido sugendo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.* (PÊCHEUX, 1975. p. 160. Grifos nossos).

Michel Pêcheux (1975), concebe o sujeito como um entrelaçamento dinâmico entre a função de articulador e a de ser articulado pelo discurso. Sob essa ótica, a condição de sujeito envolve a capacidade de intervenção no discurso, conferindo-lhe o status de epicentro para a concretização da própria identidade discursiva.

Nesse contexto, emerge um elo significativo com os fundamentos da perspectiva psicanalítica. Este marco inaugura um período de reflexão, no qual a presença do inconsciente se manifesta como um fio condutor que perpassa toda a configuração pela qual estamos abordando a constituição dos sujeitos enquanto agentes falantes e falados pelo discurso.

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “Funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos, etc., e as noções de *asserção e de enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante. (PÊCHEUX, 1975, p. 175).

Entretanto, ao percorrer um pouco mais a obra de Michel Pêcheux, Leite (2005) chama a atenção para uma certa subversão do conceito de sujeito promovida pelo próprio Pêcheux (1978). Está no texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, publicado no livro *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*.

Pêcheux afirma ter incluído excessivamente chistes em "Les Verites de la Palice", o que irritou mais de um leitor (1978). Essa "inclusão obsessiva", conforme descrita pelo autor, quer evidenciar o retorno que ele faz à obra de Lacan para recuperar o aforisma: "Só há causa daquilo que falha". Leite (2005) parece notar algo relevante na citação de Pêcheux presente na página 40 desta dissertação, onde o autor discute sobre o "processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio: 'aquele que...,' isto é, X, o qüidam que se achará aí; e isso sob diversas formas, impostas pelas 'relações sociais jurídico-ideológicas'". Já nesse contexto, Pêcheux reconhece que uma falta, um espaço deixado vazio, é a própria condição de produção de um sujeito. Vejamos a citação da autora:

Na retificação, trata-se de afirmar que o pensamento é inconsciente, aí incluído o pensamento teórico, inscrevendo no domínio dos conceitos a hiância que os corrompe. Mas isso implica uma retomada do conceito de inconsciente, uma vez constatado que o inconsciente não é nem a fonte da ideologia dominada, nem o impulso do Superego da ideologia dominante. É neste ponto que Lacan é esperado e convocado, precisamente quando, em 1964, enuncia a diferença entre o inconsciente freudiano e a sua elaboração. É na lição de 22/01/64, que encontramos a afirmação: "Só existe causa para o que manca" (p. 27). (LEITE, 2005, p. 79).

Leite (2005) destaca na reflexão sobre a retificação de Michel Pêcheux (1978) a concepção de um sujeito que emerge entre os significantes faltantes. Este sujeito se constitui pela linguagem e se manifesta na sua ausência, assumindo algo da falta que é inerente ao campo semântico da linguagem. O processo de identificação por meio do significante, que possui também uma dimensão política e falaciosa, evidencia o fracasso intrínseco da identificação.

Não sendo causa de si e sendo efeito do significante, naquilo que a interpelação e o sentido o constituem, resta compreender de que modo a ação do significante no sujeito abre caminho para o que fracassa: pois, só há causa para o que falha. Se a linguagem é causa da divisão do sujeito, há que reconhecer que a identificação pelo significante produz o seu próprio fracasso. A identificação também se refere ao que excede do significante, o que se indica pelo termo de fantasia que articula sujeito e objeto no desejo. Mas que relações vigoram entre a fantasia e a realidade no jogo da ideologia? (LEITE, 2005, p. 80).

2.1 O conceito de sujeito na perspectiva psicanalítica

Em psicanálise, o conceito de "sujeito" transcende as fronteiras da mera individualidade e mergulha nas profundezas da subjetividade humana, evocando complexas interações entre o consciente e o inconsciente, o eu e o outro, a linguagem e os desejos recalçados. A compreensão do sujeito não se restringe à superfície das experiências cotidianas; em vez disso, adentra as camadas mais íntimas da psique, expondo a complexa teia de motivações, conflitos e pulsões que moldam um indivíduo.

Na visão freudiana, o sujeito é uma entidade multifacetada, composta por camadas que se entrelaçam e que muitas vezes operam fora da esfera da consciência. O aparato psíquico, composto por consciente, pré-consciente e inconsciente; isso, eu e supereu, é o campo de batalha onde as forças do desejo e o recalque se encontram. O sujeito, nesse contexto, não é uma entidade monolítica, mas uma confluência dinâmica de pulsões, traumas e fantasias que se manifestam nas entrelinhas dos atos e pensamentos aparentemente triviais. Freud, como já visto algumas vezes ao longo desse trabalho, sempre apostou na linguagem como constituinte do inconsciente.

Carvalho (2008), fará um percurso importante sobre os aparecimentos da linguagem na descoberta freudiana, embora Freud não houvesse, diretamente, falado do inconsciente estruturado como uma linguagem, depois dele, quem o fez foi Jacques Lacan. Sobre isso, dá-se o fragmento:

O célebre *retorno a Freud*, no qual se sustenta o ensino de Lacan até *O Seminário, livro 11*, foi notavelmente marcado pela tentativa de uma reconversão teórica às origens do pensamento freudiano, abordando (*sic*) o inconsciente a partir do terreno fornecido pela lingüística estrutural, que lhe dá o substrato epistêmico, e do qual derivou o axioma "o inconsciente está estruturado como uma linguagem" (CARVALHO, 2008, p. 125).

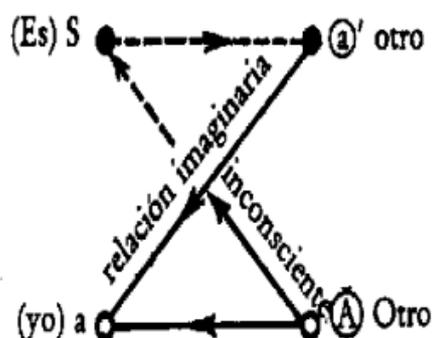
Com base na análise freudiana, Lacan observa que a linguagem emerge como uma ferramenta intrincada que desempenha um papel crucial nos processos psíquicos e na dinâmica psicanalítica. Sigmund Freud enfatiza que a linguagem transcende meramente a comunicação verbal, tornando-se um veículo vital para a expressão de pensamentos conscientes e inconscientes, além de ser fundamental na interação entre o indivíduo e o meio externo.

Jacques Lacan avança ainda mais na abordagem da inter-relação entre a linguagem e o sujeito, bem como no papel intrínseco que essa relação assume na constituição do sujeito. Destaca a inseparabilidade entre sujeito e linguagem, a ponto de sugerir que a emergência de um implica necessariamente na emergência do outro.

Nos seus artigos "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" (1953; 1998) e "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (1957; 1998), Jacques Lacan explora as concepções do inconsciente estruturado como linguagem, interligando-as com as teorias dos linguistas Ferdinand Saussure e Roman Jakobson, notavelmente no trabalho "A instância da letra". Essa interconexão marca um retorno à própria obra de Freud, que naquele contexto estava principalmente vinculada à Psicologia do Eu, que por sua vez orientava as teorias pós-freudianas. Nesse sentido, a abordagem lacaniana continua a destacar a descentralização proposta por Freud da consciência como ponto de origem da subjetividade. Através desse enfoque, que enfatiza a causalidade lógica, Lacan desafia as concepções tradicionais sobre o sujeito, as quais eram influenciadas pelo empirismo, mentalismo e substancialismo.

No trabalho "O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise" (1954; 1955), Lacan (p.307) introduz o Esquema L. Reproduzimos o esquema neste contexto com o intuito de aprofundar nossa compreensão sobre como o significante, como componente da relação simbólica, assume um papel primordial na formação do sujeito. Além disso, essa relação com o Outro e o objeto emerge como um desdobramento significativo desse processo.

Figura 1: Esquema L.



Fonte: Lacan, 1954/55, p. 307

Nesse esquema, que se adere às premissas estruturalistas, surge a representação da construção do eu (a), um processo intrinsecamente imaginário, como previamente explorado. Todavia, o esquema L também apresenta uma interligação proeminente com a edificação simbólica, especialmente através da relação inconsciente estabelecida entre o sujeito (S) e o Outro (A). O espaço ocupado pelo Outro deve ser interpretado como o âmbito do simbólico, englobando, portanto, os significantes, inclusive aqueles que foram recalcados e que podem ou não retornar ao sujeito. O discurso do Outro – conceito que Lacan enfatiza ser a própria essência do inconsciente – alcança o sujeito de maneira fragmentada e disjunta, como retratado pelo traçado pontilhado no diagrama, simbolizando uma fissura. Esse fenômeno ocorre precisamente porque esse discurso encontra-se atravessado pela relação imaginária, conforme ilustrado na figura. A relação imaginária dissimula a relação simbólica subjacente (LACAN, 1954; 1955).

A condição do sujeito é delineada pela posição que ele ocupa no âmbito simbólico, imerso na construção fantasiosa do desejo do Outro. É a partir dessa posição no domínio simbólico que emergem a interrelação entre os domínios imaginário e real e, por conseguinte, a própria formação do universo subjetivo. Lacan alega que “o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia” (Lacan, 1953; 1954, p.96).

Dado que o Outro é concebido como a fonte primordial de significantes, conforme ilustrado no "diagrama L.", emerge a compreensão de que o Outro se manifesta através de significantes, os quais delineiam a estrutura rizomática do inconsciente. A afirmativa de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem surge como uma proposição intuitiva neste contexto.

3. TRANSFERÊNCIA

Quando este estudo se propõe a abordar a inter-relação entre discurso, sujeito e as correlações resultantes de uma sessão de análise, é de suma importância destacar o contexto no qual o discurso do sujeito é gerado e um estado não arbitrário que fomenta sua emergência: a transferência.

O escopo deste trabalho abarca as expressões proferidas no âmbito da transferência, e compreender mais profundamente essa esfera de origem torna-se imperativo. Trata-se de sessões de análise ambientadas em meu consultório. Esse dado é fundamental para que esses discursos sejam analisados adequadamente, levando sempre em consideração esse espaço em que foram elaborados.

Em 1916, durante uma de suas conferências sobre psicanálise, Sigmund Freud contemplava o fenômeno da transferência e ponderava sobre a percepção de que no ambiente analítico havia elementos além da mera presença do analisante e do analista. Surge a impressão de que um certo encantamento poderia conferir ao analisante a capacidade de assumir uma posição proativa, tornando-se o agente construtor de seu próprio discurso:

(...) após pequeno lapso de tempo, não podemos deixar de constatar que esses pacientes se comportam de maneira muito peculiar com relação a nós. Acreditávamos, para dizer a verdade, que havíamos colocado em termos racionais, completamente, a situação existente entre nós e os pacientes, de modo que esta pudesse ser visualizada de imediato como se fora uma soma aritmética; não obstante, a despeito de tudo isso, algo parece infiltrar-se furtivamente, algo que não foi levado em conta em nossa soma. Essa novidade inesperada assume muitas formas (...). Constatamos, pois, que o paciente, que deveria não desejar outra coisa senão encontrar uma saída para seus penosos conflitos, desenvolve especial interesse pela pessoa de médico. (FREUD, 1916; 1917a, p. 512).

Sigmund Freud, cuja formação de base era a neurologia, frequentemente utiliza o termo "médico" em seus escritos. Neste estudo, buscaremos expandir a interpretação desse termo para "analista". Ao fazê-lo, pretendemos ampliar a compreensão das dinâmicas que ocorrem no contexto da análise psicanalítica. Essa adaptação nos permitirá explorar as nuances e a complexidade da relação entre o analisante e o analista, reconhecendo que, dentro desse cenário, o papel do "analista" abarca uma dimensão distinta do aspecto médico.

Sigmund Freud sustentava que o fenômeno da transferência se fundamentava nas repetições de experiências que o sujeito havia internalizado desde a infância. Parece que padrões de comportamento previamente estabelecidos em relação às figuras parentais ou à própria pulsão sexual se manifestavam de forma recorrente no contexto da análise, sendo transferidos para o papel do analista. Nesse sentido, as dinâmicas interpessoais e os conflitos emocionais enraizados em experiências passadas emergem novamente, projetados na figura do analista, proporcionando um terreno fértil para a exploração. (FREUD, 1912, p. 102-275).

Em seu texto "A Dinâmica da Transferência", datado de 1912, Sigmund Freud elabora sobre a topologia desse conceito, enfatizando que a transferência pode se manifestar tanto de maneira positiva quanto negativa. Em ambos os casos, o cerne do fenômeno reside no reposicionamento e na reinterpretação de conflitos enraizados no passado do sujeito.

Na transferência positiva, aparentemente mais propícia ao processo analítico, o sujeito direciona seu discurso a um "Outro" de desejo, e o analista ocupa um lugar mais acolhedor, buscando manter o sujeito em um estado de associação livre. No entanto, Freud (1912) alerta para o fato de que o aparente verniz positivo da transferência representa, na verdade, uma artimanha da resistência, cujo propósito é manter o sujeito distante de suas questões mais profundamente reprimidas.

Já na transferência negativa, emerge uma resistência mais explícita ao processo, e a figura do analista se torna alvo de hostilidade, refletindo momentos anteriores da história do analisante em que essa hostilidade também se manifestou. Em ambos os casos, é essencial compreender que a transferência não se limita apenas a ser uma forma de resistência; ela desempenha um papel central no desenvolvimento da análise, atuando como um terreno fértil para a exploração e a resolução de conflitos profundos e inconscientes. (FREUD, 1912, p. 106) Vejamos:

Assim, a transferência na análise sempre nos aparece, de imediato, apenas como a mais poderosa arma da resistência, e podemos concluir que a intensidade e a duração da transferência são efeito e expressão da resistência.

O mecanismo da transferência é explicado se o referimos à prontidão da libido, que permaneceu de posse de imagos infantis; mas só

chegamos ao esclarecimento de seu papel na terapia se abordamos os seus vínculos com a resistência. (FREUD, 1912, p. 104-275).

A transferência, seja ela amorosa ou hostil, que anteriormente parecia servir exclusivamente como um obstáculo à análise, constituindo-se assim em uma ameaça ao sucesso do tratamento, assume uma nova perspectiva fundamental. Como Freud (1916; 1917) observou, ela se torna "seu melhor instrumento" (p. 512).

A técnica de tratamento na psicanálise envolve a exploração do material recalçado, ou seja, lembranças e emoções que estão no inconsciente do paciente e não estão acessíveis à sua consciência. Isso é feito através das associações livres do paciente, onde ele é encorajado a falar livremente e através da interpretação, que ocorre dentro do contexto da transferência. Essa interpretação visa principalmente tornar conscientes ao paciente suas resistências, aquelas barreiras mentais que o impedem de enfrentar questões difíceis ou traumáticas.

A resistência é vista como uma condição inerente ao processo de tratamento psicanalítico. O manejo da transferência é a ferramenta que o analista utiliza para confrontar e superar a compulsão à repetição, uma pulsão inconsciente que leva o paciente a repetir padrões de comportamento e emoções que estão enraizados em experiências passadas e que podem ser fontes de sofrimento e conflito. Portanto, a transferência, que costumava ser vista como um obstáculo, torna-se um instrumento valioso na análise, ajudando o paciente a explorar e entender suas questões (FREUD, 1914).

3.1 Transferência em Lacan

Quando avançamos para a obra de Jacques Lacan, especificamente em seus "Escritos" de 1966, traduzidos pela editora Zahar em 1988, encontramos o texto intitulado "Intervenção sobre a transferência". Nesse texto, Lacan enriquece ainda mais a discussão em torno do conceito de transferência, o que é de particular relevância para esta dissertação que se insere no contexto da Análise do Discurso.

Lacan (1966) afirma que uma análise é realizada no paradigma sujeito-sujeito, enfatizando que, antes de qualquer suposição acerca de qualquer sujeito, o elemento crucial em jogo é o diálogo. Ele argumenta que o discurso é

introduzido simplesmente pela presença do analista, indicando a influência significativa que o analista exerce no processo analítico. Isso ressalta a importância da relação entre o analisante e o analista, que se desdobra como um espaço de interação onde os processos de transferência e os discursos subjacentes ganham a cena. Vejamos ainda:

(...) Em síntese, *a psicanálise é uma experiência dialética*, e essa noção deve prevalecer quando se formula a questão da natureza da transferência. (LACAN, 1966, p. 215. Grifos do autor).

A dialética destacada por Lacan também se manifesta no lugar de fala que o analista temporariamente assume com o propósito de facilitar a continuação da associação trazida pelo analisante. Segue dizendo:

Assim, a transferência não resulta de nenhuma propriedade misteriosa da afetividade e, mesmo quando se trai sob uma aparência de emoção, esta só adquire sentido em função do momento dialético em que se produz. (LACAN, 1966, p. 225).

No entanto, é importante notar que o discurso do analista, apesar de ser dialético, não se limita meramente ao ato de fala. Ele engloba uma dimensão mais ampla, que vai além das palavras proferidas.

Nesse contexto, é relevante fazer referência à teorização de Émile Benveniste (1974) sobre o "Aparelho Formal da Enunciação". Benveniste observou que *"às vezes o locutor é o único a falar; e o ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor"* (p. 82).

Essa perspectiva, vinda de Benveniste, estudioso da linguagem com interesse na psicanálise, lança luz sobre as conexões que estamos traçando neste texto. Ela sugere que, no contexto analítico, a interação entre analista e analisante não se resume apenas ao que é dito verbalmente. A presença ativa do analista, sua escuta atenta e sua resposta não verbal também desempenham um papel significativo na dinâmica da análise. Essa interação vai além das palavras e influencia profundamente a transferência, a interpretação e o progresso terapêutico como um todo.

Em sua análise do caso de Dora e das complexas relações de transferência que a famosa paciente manteve com Freud (LACAN, 1957),

Jacques Lacan caminha no conceito de transferência no contexto analítico. Ele argumenta que na dialética anteriormente mencionada, "a transferência não é nada de real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos" (LACAN, 1957, p. 224).

Isso implica que o conteúdo recalcado, ou seja, os elementos inconscientes e reprimidos da psique do sujeito, emergem também sob a forma de transferência. Mesmo que essa transferência envolva, em grande parte, a reinterpretação e a repetição de conflitos anteriores, ela desempenha um papel fundamental. Ela serve como um veículo, ainda que enganador, para reativar os processos vivenciados anteriormente e atualizar os conflitos subjacentes experimentados pelo sujeito (LACAN, 1957, p. 225).

Por fim, Jacques Lacan termina o texto em questão com um parágrafo que nos parece central e resumidor do que tentamos discutir sobre a transferência:

Creemos, no entanto, que a transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel: um não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente. (LACAN, 196, p. 225).

4. TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Chegamos a um momento crucial em nosso trabalho, no qual a Análise do Discurso assume um papel de destaque nesta pesquisa. Tornou-se imperativo delimitar, dentro de um enquadramento teórico, o que será efetivamente mobilizado para a análise do conteúdo das sessões de análise. Nesse sentido, recorro à obra de Émile Benveniste e a sua teoria da enunciação.

A escolha por essa abordagem se justifica por diversas razões. Em primeiro lugar, é amplamente reconhecido que Émile Benveniste fundamenta sua teoria em conceitos estruturalistas. Em uma dissertação que aborda a psicanálise e a linguística, incluindo a estruturalista, é natural que essa conexão epistemológica seja proveitosa para nosso estudo.

Em segundo lugar, é relevante destacar que Benveniste foi um leitor atento de Jacques Lacan, o que nos leva a refletir sobre a presença de uma visão crítica em sua obra em relação aos conceitos lacanianos. Essa dimensão crítica pode contribuir com nossa análise.

Além disso, a teoria da enunciação, desenvolvida por Benveniste, se apresenta como um instrumento de análise fundamental para os discursos dos pacientes que emergem em meu consultório. Destacamos, principalmente, o momento em que Benveniste elabora o contexto da enunciação, como será demonstrado nesta seção, delineando as posições do enunciador e do enunciatário, e considerando a natureza dialógica da cena analítica. Ela oferece uma base conceitual que nos permite investigar os aspectos discursivos presentes nas sessões de análise e que desenvolveremos mais à frente na análise dos eventos de linguagem. A Teoria da Enunciação e os trabalhos de Benveniste voltados ao discurso são centrais neste trabalho e embasam fortemente as análises que serão aqui realizadas. É preciso destacar a relevância de sua teorização.

Em "Os Níveis da Análise Linguística" (1962) de Benveniste, identificamos o embrião do que se propõe considerar como uma etapa precursora do conceito de enunciação desenvolvido posteriormente pelo autor. Neste artigo, Benveniste inicia sua análise a partir da língua como uma forma, fazendo alusão ao método estruturalista de segmentação e substituição, que conduz à exploração das

relações sintagmáticas e paradigmáticas entre os elementos do sistema, método amplamente adotado pela Linguística em sua época. Ele inaugura o texto dessa maneira:

A grande mudança sobrevida em lingüística está precisamente nisto: reconheceu-se que a linguagem devia ser descrita como uma estrutura formal, mas que essa descrição exigia antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que em suma a realidade do objeto não era separável do método próprio para defini-lo. (BENVENISTE, 1962, p. 127).

Nos processos de análise mencionados, a noção de nível emerge como um elemento essencial para a descrição da natureza intrinsecamente articulada da linguagem. É nessa noção que Benveniste fundamenta a distinção fundamental entre forma e sentido, percorrendo desde o nível mais baixo, composto pelos elementos merismáticos (que são os traços distintivos), até o nível mais elevado, que é o da frase. Sob essa perspectiva, as entidades linguísticas apresentam dois tipos de relação: as distribucionais, entre elementos do mesmo nível, e as integrantes, entre elementos de níveis superiores (1962, p. 129). Com isso, estabelecem-se dois limites distintos: o do nível inferior, representado pelos merismas, e o do nível superior, que é o da frase. A frase se define pelos seus constituintes e não pode ser integrada em uma unidade mais abrangente, enquanto o merisma só se define como uma unidade integrante e não pode ser segmentado em constituintes menores. (BENVENISTE, 1962, p. 129).

Em meio a essa estrutura, há um nível intermediário, o do signo, que tem a capacidade de conter constituintes e atua como uma unidade integrante de um nível superior. A distinção fundamental entre constituinte e integrante é crucial, uma vez que a partir dela se desvela a relação intrínseca entre forma e sentido. A dissociação de constituintes aponta a forma, enquanto a integração cria unidades significantes. Portanto, na visão de Benveniste, a forma representa a capacidade do sistema de linguagem de se fragmentar em constituintes de nível inferior, ao passo que o sentido se revela pela capacidade de integrar unidades de nível superior (1962, p. 128).

A frase se apresenta como um domínio peculiar; ela pode ser subdividida em seus constituintes, mas não pode ser incorporada em outro nível linguístico superior, de acordo com a teoria da enunciação. Ela não constitui uma categoria

de unidades distintas e isoladas. Sua característica fundamental reside na sua capacidade de predicar, uma vez que não existe uma frase que não envolva uma ação de predicação; a frase é a manifestação da linguagem em uso, é a linguagem em ação (1962, p. 132). Do ponto de vista semântico, os signos da língua possuem significação dentro do sistema linguístico, enquanto a frase possui um sentido que é informado por essa significação. Vejamos:

A frase realiza-se em palavras, mas as palavras não são simplesmente os seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significante livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas. (BENVENISTE, 1962, p. 132).

Ao considerarmos a terminologia adotada, fica evidente que o valor semântico do signo, conforme definido pela língua, difere daquele da frase, que é construído pelo uso efetivo da linguagem. Portanto, podemos perceber que há uma distinção crucial entre o significado inerente aos signos na língua e o sentido que emerge das frases no ato de comunicação. Essa distinção ressalta a dinâmica intrincada entre a estruturação da língua como sistema e a geração de significados concretos e contextualizados no discurso.

4.1 Forma e sentido

Em outra de suas publicações, datada de 1966, *A Forma e o sentido na Linguagem*, Émile Benveniste retoma o tema, avançando em suas reflexões, sem desconsiderar a importância que atribui à língua e aos elementos linguísticos que constituem o sistema. Nessa ocasião, seu foco se concentra mais profundamente no aspecto semântico de sua teoria, deixando de lado, em certa medida, a demonstração do papel da língua no uso da linguagem.

Benveniste desenvolve de maneira mais abrangente a relação entre forma e sentido, argumentando que essa oposição coloca o linguista no cerne da questão da significação (1966, p. 221). Ele afirma que, antes de tudo, a linguagem tem o propósito de significar e enfatiza que a significação é intrínseca à própria natureza da linguagem, não sendo algo acrescentado a ela

posteriormente. Com isso, ele busca superar a doutrina saussuriana do signo, que consiste no significante (a forma) e no significado (a aceitabilidade do signo na comunidade de fala). Benveniste propõe que significar implica ter sentido construído por meio de uma rede de relações com outros signos que o definem dentro do sistema linguístico. Isso se situa no âmbito do semiótico, do sistema linguístico propriamente dito. (1966, p. 223).

Portanto, ele sustenta que não existe uma relação direta entre língua e mundo, no sentido de que “ela não releva do mundo físico” (1966, p. 225), o signo possui um valor genérico, e as oposições são de natureza binária. Os signos estão sempre em relação paradigmática, ou seja, são definidos em relação a outros signos no sistema linguístico, o que contribui para a construção do sentido e da significação na linguagem (1966, p. 224). Essa abordagem ampliada da relação entre forma e sentido na linguagem destaca a complexidade intrínseca da linguagem e sua natureza essencialmente semântica. Vejamos:

A linguagem é bem outra coisa, ela não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, em do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante. É que ela não se deixa dividir, mas decompor; suas unidades são elementos de base em número limitado, cada um diferente do outro, por isso e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez superior. Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua. (BENVENISTE, 1966, p. 225).

Para Benveniste, os conceitos de signo e frase são distintos e demandam descrições igualmente distintas. Da distinção entre língua e fala proposta por Saussure, Benveniste enxerga na língua uma dualidade entre forma e sentido. Saussure (2006), fala em “forma e substância” (p. 141), embora não explore essa dicotomia. A forma, retomando Benveniste, se manifesta na língua como uma dimensão semiótica com a função primordial de significar, enquanto a frase se manifesta como uma dimensão semântica com a função de efetuar a comunicação através da linguagem em ação. Ela desempenha o papel de intermediar as interações entre indivíduos e entre o indivíduo e o mundo, atuando como veículo de transmissão de informações e reguladora das relações.

A frase representa o "empreendido" pelo locutor (BENVENISTE, 1966, p. 225), sendo a expressão do seu pensamento. Embora as noções semióticas não sejam negligenciadas no uso da linguagem, elas adquirem uma natureza diferente, uma vez que estão inseridas em novas relações. Assim, enquanto o semiótico é uma característica intrínseca da língua, o semântico é o sentido construído pelo locutor ao empregar a língua. É a ideia que o locutor expressa ao utilizar palavras que compõem sintagmas específicos, em suas relações sintagmáticas (1966, p. 226).

Portanto, o valor semântico resulta da articulação entre relações paradigmáticas (relações entre elementos similares) e relações sintagmáticas (relações entre elementos que concorrem em uma mesma sequência), demonstrando a complexidade da construção do sentido na linguagem, que envolve tanto a estrutura da língua quanto a intenção e a expressão do locutor. Por isso notamos que Benveniste parte de conceitos saussureanos como *signo*, e as ditas relações *sintagmáticas e paradigmáticas*, no entanto avança, jogando luz aos pontos semânticos da linguagem e dando outras definições e comunicando os conceitos de *fala e língua*.

4.2 O aparelho formal da enunciação

No seu texto famoso de 1970, intitulado "O Aparelho Formal da Enunciação", Benveniste retoma, de certa forma, conceitos como forma e sentido, mas avança consideravelmente em suas reflexões. Neste trabalho, ele aborda o emprego das formas linguísticas e o emprego da língua como dois elementos fundamentais da análise linguística.

Benveniste reconhece o emprego das formas como uma parte essencial de qualquer descrição linguística, o que metodologicamente deu origem a vários modelos linguísticos. Ele enfatiza que o emprego da língua é um mecanismo abrangente e constante que de alguma forma influencia todos os aspectos da língua (1970, p. 81).

No contexto do emprego da língua, Benveniste introduz a definição de enunciação como a necessidade de referir-se por meio do discurso. Essa perspectiva leva a entender a referência como uma parte inerente da *enunciação* (1970, p. 82, grifo nosso). A enunciação é concebida como um processo, um ato no qual o locutor mobiliza a língua de acordo com sua própria vontade e

necessidades. É o ato de apropriação da língua pelo *locutor* que o incorpora à sua fala (1970, p. 82, grifo nosso). O resultado desse ato é o enunciado, cujas características linguísticas são moldadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua.

As categorias que compõem a instância da enunciação são a pessoa, o espaço e o tempo. A enunciação representa a instância do "eu", do "aqui" e do "agora", pois é nesse contexto que alguém, dentro de um espaço e tempo criados pela linguagem, assume a palavra e, ao fazê-lo, estabelece sua identidade como "eu", ao mesmo tempo em que se dirige a outro indivíduo, que é reconhecido como "tu". Essa dinâmica constitui o cerne da enunciação (BENVENISTE, 1970).

As categorias de pessoa, espaço e tempo desempenham um papel fundamental na realização da abstração linguística na fala concreta. Esses elementos linguísticos são responsáveis por possibilitar a manifestação do sujeito que fala, a localização do discurso em um contexto espacial específico e a determinação do momento exato da enunciação. Portanto, essas três categorias linguísticas são cruciais para a efetivação da comunicação e para a concretização da língua em discurso (1970, p. 79 - 84).

Assim, a enunciação é vista como o ato do locutor que se apropria da língua e as características linguísticas que emergem dessa relação. A enunciação transforma a língua em discurso por meio do uso que o locutor faz dela. Dessa maneira, a língua é dotada de significação, tornando-se um instrumento de expressão de pensamento e comunicação de sentido no discurso. Esse enfoque enfatiza a dimensão pragmática e semântica da linguagem, ampliando nossa compreensão da relação entre língua, fala e discurso. Assim dito por Benveniste:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1970, p. 84).

Quando o enunciador produz um ato de fala, ele se apropria do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, estabelece sua própria identidade como

"eu". O "eu" é quem se expressa como "eu", quem assume a palavra e se torna o sujeito falante. (1970, p. 88). Portanto, o ato de fala não apenas permite a expressão do "eu" como também, ao se dirigir a alguém, simultaneamente estabelece um "tu". Essa dualidade emerge naturalmente no processo de comunicação.

Além disso, o "eu" que fala o faz em um espaço específico, que pode ser definido como o "aqui", o local onde o enunciador se encontra no momento da enunciação. A partir desse ponto de referência espacial, todas as outras distinções de espaço são estabelecidas, como "aqui", "ali", "lá", "acolá", e assim por diante. Essas diferenças de espaço são fundamentais na linguagem e permitem a comunicação eficaz, ajudando a situar eventos e objetos em relação à posição do enunciador no momento da fala (BENVENISTE 1970, p. 83-86. Grifos do autor).

Além de falar em um espaço específico, o "eu" também se expressa em um determinado tempo, que é o "agora". O "agora" representa o momento exato da enunciação, o instante em que o "eu" assume a palavra. É o momento presente em que a comunicação ocorre. Benveniste enfatiza que o tempo linguístico é fundamentalmente diferente do tempo físico e do tempo cronológico, pois o tempo linguístico se forma e se constitui dentro da linguagem (197, p. 84. Grifos do autor). Em outras palavras, o "agora" na linguagem é o momento em que alguém toma a palavra para se expressar, independentemente de onde ele se encontre no tempo físico ou cronológico. O foco está na ação de falar e no ato de comunicação que ocorre no presente da enunciação.

Ao se apropriar individualmente do aparelho formal da língua, o locutor introduz sua própria identidade com características linguísticas específicas. Nesse processo, ele posiciona o destinatário, ou seja, o *alocutário*, em relação a si mesmo. Cada ato de enunciação representa um ponto central de referência interna, onde surgem diversas marcas linguísticas que indicam a pessoa (a relação eu-tu), a demonstração, o espaço e o tempo, sendo "eu" o epicentro da enunciação (BENVENISTE, 1970, p. 84).

É somente por meio da enunciação que certos signos linguísticos adquirem significado. Além disso, é através do ato de enunciar que o locutor ou enunciador exerce influência sobre o comportamento do alocutário, dando sentido às diferentes funções sintáticas, como a asserção (declaração), a

interrogação (pergunta), a intimação (ordem) e também a expressão de algumas modalidades formais (modos verbais, desejos, etc.).

A presença do alocutário parece evocar a própria presença do analista na cena analítica. Há algo da noção de transferência, discutida anteriormente neste trabalho, que parece manifestar-se nesse Outro representado pelo alocutário. O locutor percebe no alocutário um sujeito que também participa na formulação de seu discurso, mesmo que, conforme destacado por Benveniste, essa presença seja silenciosa (1970, p. 88).

O "monólogo" é um diálogo interiorizado, formulado em "linguagem interior", entre um eu locutor e um eu ouvinte. As vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor. (BENVENISTE, 1970, p. 88).

Essa observação ressalta a complexidade da relação entre o locutor e o alocutário na comunicação, bem como a dinâmica sutil de influência e interação que ocorre mesmo quando o alocutário não está necessariamente envolvido em uma conversa direta ou explícita. A transferência, nesse contexto, pode ser vista como uma manifestação da influência mútua entre o locutor e o alocutário, onde ambos desempenham papéis ativos na construção do discurso e na comunicação de significado. Essa perspectiva ampliada pode ser valiosa na análise de discursos e na compreensão das dinâmicas comunicativas.

5. A CHEGADA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ao contemplar as interlocuções entre a Psicanálise e o campo linguístico-discursivo, torna-se evidente a vastidão dessas relações, as quais estão sendo exploradas neste trabalho, com foco na análise de dois aspectos, linguística e análise do discurso, que se revelam particularmente importantes para este trabalho. À medida que já avançamos, é inegável que a linguística estrutural desempenha um papel fundamental nesta discussão, fornecendo substrato e ancorando-se primariamente nos preceitos delineados por Ferdinand de Saussure.

Subsequentemente, direcionaremos nossa atenção para um conhecimento que se aproxima das sessões analíticas em consultórios, lançando luz sobre a Análise do Discurso. Anteriormente (pg. 38 desta dissertação) abordamos de forma mais aprofundada a construção do sujeito, delineando a conceituação pertinente a esta dissertação, valendo-nos do saber de Michel Pêcheux, um autor que transita com destreza entre a linguística e os primórdios da Análise do Discurso.

Outra instância em que a Análise do Discurso se manifestará de maneira mais incisiva ocorrerá ao adotarmos a "Teoria da Enunciação" de Émile Benveniste como elemento central na análise dos casos clínicos escolhidos para este estudo. A relação da Teoria da Enunciação com a psicanálise será elucidada em etapas subseqüentes desta dissertação.

Neste momento, concentrar-nos-emos em outros pontos de ancoragem da Análise do Discurso em diálogo com a psicanálise. Abordaremos de forma mais ampla este campo de estudo e enfatizaremos o conceito de *éthos*, essencial para esta pesquisa e fundamentado, sobretudo, nas contribuições de Dominique Maingueneau.

5.1 Análise do discurso e clínica

A Análise do Discurso, desde sua emergência em meados dos anos 60, tem sido objeto de problematização e crítica por parte de linguistas, dentre outros (EMEDIATO, 2020). Emediato contribui para essa discussão por meio de texto intitulado *Problemáticas Contemporâneas dos Estudos do Discurso: por uma análise integrada*, publicado em 2020. O texto está inserido no livro *Teorias do*

Discurso: Novas Práticas e Formar Discursivas, em colaboração com as organizadoras Ida Lúcia Machado e Gláucia Muniz Proença Lara. No primeiro capítulo, Emediato (2020) realiza uma reflexão sobre o surgimento e as interlocuções históricas da Análise do Discurso. Nesse contexto, precisamos compreender criticamente o ambiente no qual esse enquadramento teórico teve sua gênese:

Ainda que Saussure tenha definido a língua como um fato social, é justamente a integração entre linguagem e sociedade que tanto incomodou os críticos da análise do discurso. Ao limitarem os estudos linguísticos ao sistema da língua, não se compreende a relevância de se estudar a relação entre língua e sociedade, o uso social da linguagem em interações comunicativas reais, como se isso não fosse um "problema de linguística". Por outro lado, se a análise do discurso em sua origem sobrevalorizou a teoria social e política e a dimensão ideológica sobre a expressão linguística, o interesse pelas formas de expressão nunca foi minimizado. (EMEDIATO, 2020, p. 20).

Conforme observado pelo Autor, a proposição de uma "linguística do discurso" implica na inserção das frases no contexto em que são emitidas. Isso significa que, na linguística moderna, era possível analisar questões sintáticas, morfológicas e semânticas sem se preocupar com o contexto da enunciação. No âmbito dessa abordagem, as frases são analisadas de maneira mais rígida, distante do contexto enunciativo ou mesmo de sua inserção social. O que o autor nomeia como "linguística do discurso" é um modo de utilizar as propriedades da linguística moderna, porém sem abrir mão do contexto em que as frases são proferidas. A indagação crucial recai sobre o local em que a enunciação ocorreu e como esse espaço influencia a formação discursiva. Parece evidente que a linguística, conforme delineado, não demonstra uma inclinação intrínseca para abordar essa indagação, mesmo que, como citado anteriormente, Saussure já tenha concebido a língua como algo fundamentalmente social.

Observamos que, ao se referir à língua como um "fato social", Emediato (2020) provavelmente está aludindo à definição de língua proposta por Saussure (2006, p. 17), onde o autor descreve a língua como "um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos". No

entanto, em nossa dissertação (página 35), lembramos que a língua só pode ser concebida a partir de sua manifestação como fala de um indivíduo.

Emediato (2020) resgata o texto "Problemas de Linguística Geral I", de Émile Benveniste, contemporâneo do surgimento da Análise do Discurso como uma nova disciplina, um foco de reflexão sobre o avanço necessário no entendimento do discurso, transcendendo a simples formação linguística das frases. Benveniste parece empenhar-se em integrar o conceito saussureano de signo, central na linguística, àquilo que lemos como a "linguagem em ação" (p.22), percebida como uma manifestação semântica nos estudos discursivos. Emediato (2020) cita uma passagem de Benveniste, a qual julgo pertinente reproduzir:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, *cuja expressão é o discurso*. Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva. (BENVENISTE, 1966, p. 139, grifo nosso).

Benveniste (1966) avança ao discutir as relações entre a frase e o discurso, concebendo a frase como um agente de representação e afirmação do que é moldado pela língua, mas que, por sua vez, se desenvolve a partir das relações entre os sujeitos em um contexto específico. Ele formula a ideia de que "a frase é a unidade do discurso" (1966, p. 139), destacando a interdependência entre a estrutura linguística da frase e o contexto discursivo mais amplo no qual ela é empregada. Essa perspectiva sublinha a inseparabilidade entre forma linguística e uso pragmático, ressaltando a centralidade da análise do discurso na compreensão das dinâmicas comunicativas.

Em outra seção do livro *Problemas de Linguística Geral II*, intitulada *O Aparelho formal da Enunciação*, o autor francês sustenta que é impossível reproduzir um discurso de maneira idêntica duas vezes (BENVENISTE, 1966). Ainda que as frases proferidas em determinados discursos possam ser replicadas com a mesma estrutura sintática, por vezes no mesmo contexto e envolvendo as mesmas pessoas, a repetição por si só introduz uma outra

dimensão de significado ao discurso proferido. A cada repetição, emerge uma nuance distinta, conferindo ao discurso uma dinâmica que transcende a mera reprodução mecânica. Em outras palavras, a repetição não implica uma duplicação exata, mas sim uma renovação sutil que enriquece a compreensão do significado inerente ao ato discursivo (BENVENISTE, 1966).

No contexto da relação entre frase e discurso, citamos aqui a metáfora proposta pelos autores Leite e Oliveira (2011), que substituem o signo linguístico pelo tijolo e a língua pela parede. Nessa analogia, concebemos a frase como um tijolo e o discurso como a parede. Esta metáfora sugere que a inserção de frases desempenha diversas funções e modulações distintas em cada discurso no qual está incorporada.

Assim como um tijolo pode ser considerado um módulo em construções específicas, pensamos que esse módulo é utilizado de maneira a contribuir para a formação de um todo maior, que está em função não apenas do tijolo individual, mas que transcende sua singularidade. É crucial considerar um contexto mais amplo, incluindo o social, para compreender plenamente o significado da parede, ou seja, do discurso. É necessário, portanto, inserir a frase de forma contextualizada no interior do discurso, assim como o tijolo se integra à parede. Essa abordagem enfatiza a interconexão entre as partes e o todo na construção discursiva.

Complexificando a metáfora proposta por Leite e Oliveira (2011), é relevante considerar a existência de métodos construtivos alternativos, nos quais tijolos são encaixados para formar uma estrutura sem a necessidade de cimento entre eles. Essa abordagem permite que o construtor reorganize a disposição dos tijolos posteriormente, reconstruindo a arquitetura original de forma flexível. Nesse sentido, a construção adquire uma solidez intrínseca, mas não estática. Ao invés de ser um muro rígido e imutável, é uma estrutura que proporciona estabilidade e, ao mesmo tempo, pode ser modificada conforme necessário.

É necessário ressaltar que a metáfora em questão apresenta certa rigidez. A língua e as maneiras como empregamos os significantes parecem ser mais flexíveis e fluidas do que sugerido pela metáfora da parede. Embora reconheçamos a presença de elementos estruturais na língua, assim como nas paredes, é mais fácil reorganizar os significados dos significantes do que modificar tijolos modulares e paredes inteiras.

Dito isso, podemos também empregar a metáfora sugerida por Saussure (2006, p. 104), na qual o autor compara o estruturalismo linguístico a um tabuleiro de xadrez. Nessa analogia, a disposição das peças no tabuleiro representa a estrutura da linguagem, e cada movimento feito por um jogador altera essa estrutura, abrindo novas possibilidades de movimento para o adversário. A multiplicidade de opções não modifica as regras que regem o movimento de cada peça, mas sim cria diferentes formas de interação entre elas.

a) Cada lance do jogo de xadrez movimenta apenas uma peça; do mesmo modo, na língua, as mudanças não se aplicam senão a elementos isolados.

b) Apesar disso, o lance repercute sobre todo o sistema; é impossível ao jogador prever com exatidão os limites desse efeito. As mudanças de valores que disso resultem serão, conforme a ocorrência, ou nulas ou muito graves ou de importância média. Tal lance pode transtornar a partida em seu conjunto e ter consequências mesmo para as peças fora de cogitação no momento. Acabamos de ver que ocorre o mesmo com a língua.

c) O deslocamento de uma peça é um fato absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente. (SAUSSURE, 2006, p.104 e 105).

Cohen (2023) aborda a interação entre sujeito e discurso, estabelecendo uma correlação entre discurso e psicanálise, conferindo uma importância destacada às influências do sujeito na elaboração de um discurso que só alcança plena eficácia quando observado em sua contextualização. Esta ênfase na contextualização emerge como um aspecto central, revelando-se mais condizente com os princípios da Análise do Discurso do que com a abordagem da linguística clássica. Cohen acrescenta:

Valoriza-se a caracterização da linguagem como um bem cultural, o que dá abertura a que se reconheçam na estruturação linguística um nível local ou microlinguístico, que vai ser parte de um todo maior, global, em que a totalidade não é a soma dos elementos que o constituem. (COHEN, 2023, p.184).

O discurso não é meramente uma construção linguística isolada, mas um fenômeno intrinsecamente vinculado à subjetividade do falante. Na interface entre discurso e psicanálise, torna-se evidente que as narrativas são moldadas pelas experiências individuais, traumas e complexidades emocionais dos sujeitos. A compreensão do discurso exige, portanto, uma análise sensível aos

matizes psíquicos e sociais que permeiam a trajetória do sujeito na articulação de suas expressões linguísticas.

Na psicanálise, compreendemos que o cerne da experiência reside no tratado dialogal. Embora exista uma certa preponderância de papéis, onde um indivíduo assume o papel de falante (analisante) e o outro de ouvinte (analista), essas posições circulam frequentemente na dinâmica analítica, moldando os discursos presentes (COHEN, 2023). A intervenção do analista desempenha um papel fundamental na construção do discurso que emerge do analisante, como delineado pela Análise do Discurso.

Assim como as frases são compostas por diversas “peças no tabuleiro”, as intervenções do analista parecem desempenhar um papel crucial no “jogo de xadrez” do discurso. Essas intervenções não apenas fornecem um arcabouço interpretativo, mas também atuam como elementos fundadores que orientam e delineiam a narrativa que se desdobrará durante o processo analítico. Nessa perspectiva, as interações verbais na psicanálise podem ser entendidas como um constante diálogo entre os entes, onde as intervenções do analista têm o potencial de influenciar a configuração e a direção do discurso do analisante, assim como o discurso do analisante tem potência de modular as intervenções do analista.

5.2 A noção de *éthos*

Na convergência das reflexões sobre a Análise do Discurso, a interação sujeito-discurso, e a noção de *éthos*, emerge uma compreensão interdisciplinar. As contribuições de autores como Benveniste, precursor da Análise do Discurso, e Emediato, leitor de Benveniste, destacam a dinâmica entre a frase como “peças do tabuleiro” e o discurso como “jogo de xadrez”, enfatizando a importância da contextualização e da inter-relação na construção do significado linguístico. Cohen (2023, p. 179.) ao contrastar discurso e psicanálise, ressalta a influência crucial do sujeito na elaboração discursiva, reconhecendo a conexão entre quem fala e quem escuta. Nesse cenário, a noção de *éthos*, presente na Análise do Discurso, ganha destaque como uma lente interpretativa que não apenas considera o conteúdo linguístico, mas também a ética, a credibilidade e a autoridade subjacentes ao discurso. As intervenções do analista no processo psicanalítico, assim como as construções discursivas, são permeadas por

elementos éticos que moldam a percepção do sujeito. Portanto, a abordagem do *éthos* na Análise do Discurso não apenas enriquece a compreensão dos discursos, mas também lança luz sobre as relações entre linguagem, subjetividade e ética na tessitura discursiva.

Cohen (2020) mobiliza o conceito de *éthos* dentro da prática psicanalítica, utilizando como exemplo a "mentira" presente no discurso do analisante. Esse fenômeno ocorre como ilustração daquilo que o sujeito tenta comunicar no setting analítico, levando em consideração o que supõe que o analista deseja escutar. Há uma interpretação por parte do analisante sobre o que está em jogo na cena e uma construção discursiva que parece buscar atender a alguma exigência de como ser visto pelo analista. A autora afirma que "o analisando ensaia, de certa forma, a desconstrução da atividade da sessão analítica, trazendo elementos externos em que ele tenta enredar o analista" (Cohen, 2020, p. 259).

Segundo Dominique Maingueneau (2005), a noção de *éthos*, tradicionalmente associada à tradição retórica, adquire contornos distintos quando inserida no contexto da análise do discurso. O autor ressalta duas razões que o motivaram a incorporar esse conceito na abordagem discursiva: a posição dialógica e reflexiva da enunciação, e a influência do corpo na construção discursiva. Maingueneau argumenta que, para além da persuasão por meio de argumentos, como estabelecido na tradição retórica, a noção de *éthos* possibilita uma reflexão mais abrangente sobre o processo de adesão de sujeitos a determinada posição discursiva (2005, p. 69). Essa perspectiva ampliada destaca a importância do *éthos* não apenas como uma ferramenta persuasiva, mas como um elemento que contribui para a construção discursiva e para a formação da identidade discursiva dos sujeitos.

Na introdução do livro *Imagens de si no Discurso: a construção do éthos*, Ruth Amossy (2005) inaugura seu texto com uma reflexão crucial. Sua ponderação inicial destaca o que é inerente à construção do *éthos* no discurso, constituindo uma premissa fundamental para a obra.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem para si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédias, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de

sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2005, p. 9).

Iniciamos, a partir da mencionada citação, a explorar afinidades clínicas com a concepção de *éthos* tal como delineada na análise do discurso. O paciente que emerge no cenário analítico seleciona, "deliberadamente ou não" (conscientemente ou não), narrativas, eventos, lembranças e qualquer outro aspecto que contribua para a construção de sua representação perante o interlocutor analítico. Este sujeito, ao seu modo singular, se mostra.

Maingueneau (2005, p. 70) destaca, adicionalmente, a importância dos "traços de caráter", uma tradução que, segundo o autor, não capta plenamente o termo *éthos*. Este termo denota aspectos da personalidade, ou, em uma perspectiva psicanalítica, poderia se referir ao sintoma que perpassa o discurso do sujeito, mesmo quando este não aborda explicitamente informações sobre si mesmo.

Embora o autor estabeleça distinções fundamentais entre o texto escrito e o texto falado, reiteramos, como já destacado em momentos anteriores deste trabalho, que nossa abordagem concentra-se no texto falado. Este está delimitado ao contexto analítico e emerge a partir da emissão sonora das palavras.

Destaca-se um termo utilizado por Maingueneau para descrever o papel do destinatário do discurso: "fiador" (2005, p. 72) O autor delineia que este "fiador" pode assumir duas formas distintas de existência. Em primeiro lugar, enquanto uma instância subjetiva, o fiador manifesta-se como um locus de cunho superegoico no interior do analisante, dirigido à figura do analista. Esta instância fundamenta-se em conjecturas acerca do que o outro - no caso, o analista - desejaria ouvir daquele que se expressa.

Essa concepção estende-se igualmente à figura fisicamente presente do analista no contexto analítico. Não há um conhecimento prévio acerca da identidade da pessoa que escuta, mas sim uma "instância subjetiva encarnada", um aspecto que será explorado mais adiante neste trabalho, vinculado ao fenômeno da transferência. Nesse sentido, o fiador desvela-se como uma construção psicodinâmica, evidenciando-se como uma voz interna que orienta o discurso do analisante, seja esta internalização representada pelo superego ou encarnada no próprio analista presente.

De uma maneira ou de outra, conforme indica Maingueneau, a presença da figura do fiador atua como elemento ancorador de uma específica modulação discursiva que configura o *éthos* do enunciador:

(...) O *éthos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se (sic), então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia (sic) e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. Esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade... (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Assim, compreendemos que o *éthos* está intrinsecamente relacionado a uma construção coletiva que configura a representação daquilo que o paciente expressa ao analista. Em contrapartida, o analista/fiador desempenha o papel de validador das posições apresentadas no *éthos* manifestado. Maingueneau enfatiza que a "qualidade do *éthos*" (2005, p. 73) está intrinsecamente ligada à presença do fiador. O discurso do sujeito, que se autodefine, traz consigo referências, e o fiador atua como um ouvinte atento, participando ativamente da formação que se desenvolve a partir das referências trazidas pelo sujeito.

O autor prossegue argumentando que, por essa razão, não é viável presumir que um discurso esteja desvinculado sócio-historicamente do momento em que foi gerado. Não existe dissociação entre o que é verbalizado e "o modo de legitimação de sua cena discursiva" (2005, p. 74). Em outras palavras, um discurso proferido em contexto analítico é intrinsecamente um discurso produzido nesse cenário específico, e é somente sob essa perspectiva que pode ser adequadamente compreendido. Ele possui uma origem distinta, um endereçamento específico, e sua formulação não é algo trivial, mas sim algo singular e contextualizado.

Amossy, ao interpretar os textos de Maingueneau, destaca que "o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber" (2005, p. 16). Essa observação ressalta a importância do enunciador atribuir a si mesmo e ao destinatário um determinado status no intuito de validar sua expressão.

Seguindo essa linha de raciocínio, Cohen (2023), ao dar destaque à fala direcionada ao outro e enfatizar os aspectos dialógicos inerentes ao processo analítico, extrai uma citação de Lacan presente no texto "Função do campo da fala e da linguagem". Essa citação, ao que parece, complementa o entendimento da questão do *éthos* no contexto da cena analítica.

É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída **pela fala endereçada ao outro**, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise. Não em 1904 (...) porém em 1985. [...]

Primeiramente, quando o sujeito se engaja na análise, ele aceita uma posição mais constituinte, em si mesma, do que todas as instituições pelas quais se deixa mais ou menos enganar: a da interlocução; e não vemos nenhum inconveniente em que esta observação deixe o ouvinte desconcertado. Por isto nos dará ensejo de insistir em que a alocação do sujeito comporta um alocutário, ou, em outras palavras, que o locutor constitui-se ali como intersubjetividade. (LACAN, 1998, p. 259. *apud* COHEN, 2023).

Embora Lacan não mencione explicitamente o termo em discussão neste momento, a convergência na descrição conceitual é evidente. Esse processo de endereçamento parece envolver o outro (analista) no discurso do analisante.

Lacan estava atento a essas reflexões. Retomando a seção deste trabalho que discute a transferência como conceito central, voltamo-nos ao texto "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", no qual o psicanalista (1967) elabora o que ele mesmo denomina de "matema da transferência". Os matemas são representações matemáticas que Lacan utilizava para ilustrar alguns pontos cruciais de sua teoria.

Neste texto, Lacan (1967, p. 252) retoma o conceito de transferência para descrever a figura do analista como o "Sujeito Suposto Saber", que se refere à ideia fantasiosa do analisante de que o analista sabe algo e, portanto, merece seu investimento. Lacan, então, afirma na página seguinte que "Suposto, ensinamos nós, pelo significante que o representa para outro significante" (p. 253). É a partir dessa premissa que surge a representação do matema da transferência:

Figura 2: Matema da Transferência

$$\begin{array}{c} \mathbf{S} \longrightarrow \mathbf{S}^q \\ \hline \mathbf{s} (\mathbf{S}^1, \mathbf{S}^2, \dots \mathbf{S}^n) \end{array}$$

Fonte: Lacan, 1967, p. 253

Neste matema, conforme descrito por Lacan (p. 253 e 254), o significante sobre a barra (S) representa um significante do analisante, conhecido como significante da transferência. Quando esse significante se conecta a um significante específico que particulariza o analista (Sq), o resultado, sob a barra, é um sujeito (s) articulado aos significantes do saber inconsciente (S1, S2,... Sn). O saber está localizado do lado do sujeito, sob a barra do recalque, mas é experimentado como se fosse um saber atribuído ao analista.

O foco da dissertação nesse momento é verificar a posição de Lacan em relação à influência do analista na construção do discurso do analisante, ou ainda, no *éthos* Discursivo do analisante. Vejamos o trecho a seguir, extraído da página seguinte à demonstração do matema da transferência:

Vemos que, embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros, que nela se colocam como o psicanalisante e o psicanalista, ela só pode desenvolver-se ao preço do constituinte ternário, que é o significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome: o sujeito suposto saber, esta uma formação não de artifício, mas de inspiração, como destacada do psicanalisante. (LACAN, 1967, p. 254).

Nesse parágrafo, Lacan explicita que a formação do discurso que se estabelece na análise está diretamente ligada à figura do analista. É ele quem fornece o significante (Sq), que está acima da barra, e que molda o significante da transferência, permitindo assim que a cadeia de significantes se desenvolva no lado abaixo da barra, dando forma ao discurso.

O autor continua, afirmando que "o que nos importa aqui é o psicanalista em sua relação com o saber do sujeito suposto, não secundária, mas direta" (p.254). Essa declaração destaca a importância central do analista na análise,

não apenas como um elemento secundário, mas como uma influência direta no saber atribuído ao analista pelo sujeito em análise.

No entanto, no parágrafo abaixo, lemos o seguinte dizer:

É claro que, do saber suposto, ele nada sabe. **O “Sq” da primeira linha nada tem a ver com os S encadeados da segunda, e só pode ser encontrado neles por acaso.** Assinalamos esse fato para nele reduzir a estranheza da insistência de Freud em nos recomendar que abordemos cada novo caso como se não tivéssemos aprendido coisa alguma com suas primeiras decifrações. (LACAN, 1967, p. 254, grifos nossos).

Com clareza, Lacan busca dissociar a formação discursiva do analisante da figura do analista, negando que o surgimento de novos significantes tenha qualquer relação com o significante inicial (Sq), exceto por acaso. Essa perspectiva lança certa dualidade sobre a modulação do analista no que denominamos " *éthos* discursivo". Ao associarmos os saberes consolidados pelos analistas do discurso que estão mostrados adiante nessa seção, encontramos aproximações e distanciamentos teóricos. Ao passarmos para a análise dos casos clínicos, que constituem o *corpus* desta dissertação, acreditamos que a necessidade de discutir essa questão em novos momentos se tornará mais evidente.

A interpretação resultante sugere que uma análise não se limita apenas ao analisante, mas também abrange o analista em questão. Surge, assim, um *éthos* que se configura a partir da apresentação do analista, indicando que o discurso do mesmo analisante, em interação com outro analista, assumirá contornos distintos. Daí interpretamos que a psicanálise se reinventa a cada processo analítico. Retornamos então ao pensamento dos analistas do discurso.

Se há a constituição de um *éthos* no analisante, torna-se imperativo admitir que o analista também possui o seu próprio *éthos*. Nesse contexto, Maingueneau, no texto "A propósito do Ethos" (2008), ao abordar a leitura de Althusser em "ler o Capital", procura compreender o *éthos* projetado pelo autor em sua escrita. No terceiro aspecto de entendimento do *éthos*, de Althusser presente na escrita, Maingueneau (2008) destaca a figura "o psicanalista". Vejamos:

Podemos identificar um terceiro padrão discursivo sobre o qual se desenvolve a enunciação de Althusser: o do psicanalista. Este último é historicamente especificado pela predominância, na segunda metade dos anos 1960, de um ethos bem caracterizado (e não raro caricaturado) dos lacanianos, cujo propósito misturava o cúmulo da abstração com um recurso sistemático a um padrão falado. E tal ethos tem sentido em relação ao que se opunha: o ethos científico acadêmico que tomava como modelo a prosa freudiana. Mas – e nisso bem diferentemente do ethos profético de Lacan – Althusser adota um ethos de simplicidade que procura encarnar uma espécie de ética da palavra fraterna ligada a um “nós”. (...) A seqüência do texto põe em cena uma teoria da leitura que é emprestada justamente da psicanálise, uma leitura que põe no centro o lapso ou o equívoco (p. 17), que nutre o trabalho do dizer do trabalho difícil do inconsciente. Teoria segundo a qual Marx pensador é um leitor, e sua teoria da história é “uma nova teoria do ler” (p. 15). Somos levados, pouco a pouco, a identificar as relações entre o psicanalista e a palavra dos analisandos (...). (MAINGUENEAU, 2008, p. 23).

A postura adotada pelo analista também exerce um papel definidor no discurso do locutor. A construção discursiva do analisante não apenas se entrelaça com a formação do “*éthos* psicanalista”, como citado por Maingueneau, mas também é integrada a essa elaboração. A provocação feita sobre o semblante psicanalista, “*caricaturado*” nas palavras do autor, convoca o sujeito dentro da relação dialógica mencionada por Cohen (2023). As posições na cena analítica não se restringem, de maneira alguma, a uma dicotomia de passivo e ativo, afastadas entre si. Ao contrário, o conhecimento proporcionado pela Análise do Discurso implica uma cena que incorpora ambos os sintomas, analista e analisante, na construção da narrativa que retifica, igualmente, ambas as posições.

Desse estudo emerge a assertiva de que *a própria transferência é a materialidade de que o analista está presente no discurso do analisante.*

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Visando dar materialidade ao que me traz ao estudo em psicanálise, linguística e análise do discurso, serão aqui relatados alguns trechos de casos clínicos do meu consultório em que os atravessamentos da linguagem ficam evidentes em algum ponto sintomático central na análise do sujeito em questão.

Em conformidade com as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFMG, foram adotadas todas as precauções necessárias para preservar a confidencialidade dos participantes. Não serão apresentados dados que possam identificar os sujeitos que produzem os eventos de linguagem analisados, e nomes e características que poderiam singularizá-los foram omitidos.

É fundamental ressaltar que não se trata de uma análise de casos, mas sim dos eventos de linguagem que ocorrem no contexto da transferência. Como sustentado ao longo deste trabalho, não é possível separar o sujeito da ocorrência descrita; o sujeito está sempre presente no discurso e nos eventos de linguagem propostos aqui, que só fazem sentido por haver alguém que discursa em um cenário descrito neste trabalho, sobretudo na seção 4 sobre a transferência.

Os eventos de linguagem descritos aqui não foram gravados. Não houve captação sonora do que os analisantes disseram. A escuta do analista é transcrita para suas anotações no momento em que a sessão é encerrada. A partir da minha escuta, escrevi os eventos e os interpretei utilizando também meus conhecimentos pretéritos sobre os casos. Compartilho em cada um dos eventos apenas aquilo que julgo ser necessário para entender com certa clareza o que está em jogo em formações linguísticas tão particulares.

Além disso, não há uma determinação clara do efeito que cada evento teve em cada um dos casos clínicos, principalmente devido à preservação da biografia dos sujeitos.

Cada um dos casos será analisado com base na revisão bibliográfica realizada nesta dissertação. Os capítulos sobre Linguística e Psicanálise, Qual Sujeito?, Transferência, Teoria da Enunciação e A Chegada da Análise do Discurso servem como referências para a interpretação dos eventos de linguagem. Não necessariamente utilizaremos todas os conceitos para analisar todos os casos, mas, de forma individualizada e singular, nos apropriaremos dos

conceitos trabalhados para compreender cada um dos eventos. Não se trata de aplicar toda a teorização do trabalho em todos os fenômenos de linguagem selecionados, mas sim de escutar cada caso, escutar o *corpus*, e entender a qual arcabouço teórico aquele objeto nos convoca. Esta é a nossa metodologia.

6.1 Apresentação dos dados

Serão apresentados seis casos clínicos. Exceto pelo sexto caso, em que crio o nome fictício "Germana" para identificar a paciente, optei por não listar nomes alternativos para descrever o *corpus* desta dissertação, utilizando substantivos genéricos e artigos definidos para orientar os casos. Os títulos escolhidos para os casos também auxiliam na interpretação dos eventos de linguagem em questão.

Os casos analisados envolvem três homens e três mulheres, com idades variando entre adolescentes e idosos, e que se identificam como pretos, pardos e brancos. Apresentam-se em diferentes situações econômicas. Todos são brasileiros e falantes nativos do português, embora nem todos residam no Brasil. A seleção desses casos não implica um recorte por classe social, gênero, etnia, credo ou qualquer outra subdivisão social. O critério diz apenas de sujeitos se colocam em análise e estão dispostos a falar sobre seu próprio mal-estar para o psicanalista que conduz esta pesquisa.

É importante ressaltar que três dos eventos descritos nesta dissertação ocorreram em atendimentos por vídeo-chamada, o que, de acordo com a Teoria da Enunciação de Benveniste (p. 54 deste texto), atribui um lugar distinto à *forma* de elocução desses eventos de linguagem. No entanto, optamos por não abordar essa distinção na análise dos casos neste trabalho. São esses:

Caso 1 – *A droga do dinheiro*

Caso 2 – *O cuidador de mudas*

Caso 3 – *A Moça Cintilante*

Caso 4 – *A construção da mediocridade*

Caso 5 – *Medo de que?*

Caso 6 – *O Pai Capado*

6.2 Relatos e análise dos casos

6.2.1 A droga do dinheiro

O paciente, um policial reformado e toxicodependente de álcool e crack, apresentava relações sociais e familiares extremamente debilitadas, incapaz de manter a casa que havia sustentado por mais de vinte anos. Após inúmeras sessões de análise focadas nesse tema, ele expressou uma percepção diferenciada de sua condição em relação a outros usuários de drogas em seu círculo social, destacando: "Eu não sou um usuário de drogas desses que roubam e matam para conseguir dinheiro e fazer uso da droga. O meu problema é que eu sou um usuário do meu próprio dinheiro!"

Para iniciarmos a análise desse caso, é importante separarmos alguns saberes. Do ponto de vista discursivo, é curioso notar que o *éthos* proposto pelo paciente é fundamental para que ele esteja angustiado o suficiente para encontrar um novo significante na cadeia que diz respeito ao uso de droga. O que está em jogo é que o *éthos* desse sujeito, o de um policial reformado, não parece comportar a ideia de que ele seja um usuário de crack. O lugar do policial tem que ser o exato oposto ao do sujeito que comete um crime. Sublinhar o fato de policial aposentado, o que dá a ele um outro lugar. A insistência em não se identificar ao lugar de toxicômano é também uma mola propulsora para o sujeito encontre novas formas de discursar sobre seu vício. Vejamos a página 75 desse trabalho.

Ele se coloca como quem sabe o que é um usuário, sabendo, inclusive, prendê-lo. Sabe o que um usuário faz, como se veste, onde frequenta, onde compra drogas e as melhores maneiras de usá-la. Esse discurso se confunde hora com um usuário, hora com quem antagoniza o usuário.

Essa incoerência parece não deixar que o paciente se acomode no gozo oferecido pelo objeto de sua adicção. O paciente, então, repousado no discurso do policial, sério, objetivo, formal, enrijecido, busca saídas para não ter que discursar com um *éthos* indesejado: o de usuário de drogas. Parece-nos que esse discurso nunca foi presente na história desse sujeito. Os significantes que aparecem são sempre desse sujeito policial.

Tabela 1: Dinâmica do *éthos*

<i>Éthos</i> Projetado Usuário do Dinheiro	<i>Éthos</i> Silenciado Usuário de drogas
<ul style="list-style-type: none"> - Seriedade; - Formalidade; - Rigidez; - Responsabilidade; - Ser policial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Descontrole; - Informalidade; - Gozo; - Irresponsabilidade; - Ser criminoso.

(LOBEMVEIN, Paulo. 2024.)

Diante a angústia da falta de recursos financeiros para arcar com as contas da casa, o paciente parece ter que se ver com uma falta que não aparecia antes em sua história. Daí a cadeia de associações parece funcionar, ainda na posição de policial, para dizer que ele não usa drogas, mas usa dinheiro.

Como manobra linguística, o dinheiro parece representar a droga metonimicamente, como se para chegar a esse objeto fosse antes necessário usar o dinheiro. Remontamos a página 34 desse trabalho onde lemos a metonímia como parte de um todo, o que o dinheiro parece ser da droga: uma parte. Relembro ainda que em outros momentos de sua análise, o paciente coloca o dinheiro como parte atuante de um gozo, por exemplo na longa relação que teve com uma prostituta. Outra leitura possível é a ideia de que essa manobra linguística tenha derivado por metáfora, que seria a lógica de um significante substituindo outro, mas que no caso em questão não parece substituir completamente, sobretudo pelo dinheiro ganhar o lugar da droga e continuar assimilando o papel de uma "droga a ser combatida".

Vejamos, a aposta de esse sujeito começar a dizer sobre sua relação com o dinheiro é que começa a retificar o *éthos*, antes intocável. Pensar na impossibilidade da relação com os objetos que o dinheiro é capaz de comprar faz com que o paciente pense ser realmente um toxicômano, mas do próprio dinheiro. Nesse caso, a desidentificação do lugar óbvio de usuário de drogas parece ser central no tratamento. Não é necessária nenhuma admissão de algo que o sujeito não é! Esse sujeito é somente um usuário do próprio dinheiro. Há

um gozo, que nos parece ainda mais protagonista, que é o gozo de julgar não extrair do Outro. Aquilo que diz apenas da própria precariedade e joga o sujeito em um lugar de resto, parece mais suportável do que a exposição ao olhar de um que o julgue de maneira indesejada.

É o "resto do salário" que era convertido em drogas. Esse "resto" identificado do paciente e que precisa de tratamento. Uma prótese dentária para um familiar comprada com o resto do dinheiro, inúmeros eletrônicos comprados com esses recursos e mais alguns gastos eleitos por esse paciente parecem ajudar nessa regulação. Novas palavras que são investidas libidinalmente e que ganham o lugar do resto antes hiperinvestido.

O crack permanece na cena até os dias atuais. Pudera, a droga ainda está lá.

6.2.2 *Cuidador de mudas*

O paciente que se apresenta em meu consultório afirma ser intérprete de LIBRAS. Sua expertise consiste em traduzir o que é dito pelo mestre ao aluno universitário, além de tentar reorganizar os questionamentos dos universitários dirigidos aos mestres. Essa dinâmica lança ao paciente uma questão sobre o lugar de sua atuação nessa cena, onde ele afirma não ser sujeito. "Ou eu sou o mestre ou eu sou o aluno", declarou. "Nunca posso ser eu mesmo", disse ele, emocionado. A função do cuidado com o outro está associada ao ato de transcrever as palavras ditas por um falante às "pessoas que são surdas e mudas".

E essa problemática se desenrolava num cenário de compulsivo acúmulo de plantas que o paciente relatava em suas sessões. Segundo seu relato, sua casa abrigava mais de trezentas plantas em vasos de diversos tamanhos e cores. Faltava-lhe espaço em casa para acomodar as novas plantas que encontrava na rua. Algumas dessas plantas morriam por não estarem em local adequado ou por alguma contingência natural, mas sempre eram interpretadas por ele como um fracasso seu, que não soube cuidar. Nesse momento em que o acúmulo compulsivo beirava a impossibilidade, as "plantas" ganhavam outra forma no discurso do paciente: "Eu descobri que eu não pego plantas na rua, eu só pego mudinhas! Minha função no mundo é cuidar das mudas."

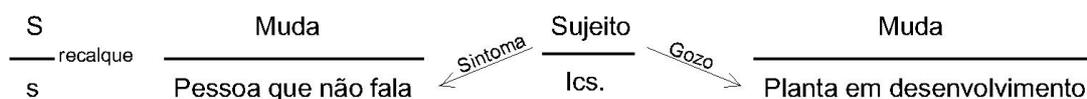
Tomando a noção de signo linguístico tal como concebe Saussure, em que um significado se associa a uma cadeia sonora, como trazido nesta dissertação, (vide página 10), na formação do signo saussureano, percebemos, no presente caso que, de fato, o significado está associado à emissão sonora, o significante, *muda* e suas variantes *mudas*, *mudinhas*. A emissão sonora, seja ela emitida para dizer de uma planta pequena ainda em desenvolvimento ou para uma pessoa incapaz de articular palavras devido a problemas no aparelho fonador, tem um modo de produção idênticas: ambas são mudas. Essas cadeias sonoras, embora presentes o tempo todo, não estava inicialmente associada aos dois significados possíveis. O significante "muda", no início da análise do paciente,

estava associado apenas às pessoas mudas, nunca às plantas. Ele é quem introduz o outro significado de “planta tirada do viveiro para plantação definitiva”¹

Se avançarmos para a ideia estruturalista de Lacan (página 44), veremos que o significante parecia estar adormecido para a conexão que poderia ser feita com as plantas pequenas, que posteriormente também seriam chamadas de "mudas". A homofonia presente no discurso do paciente estava silenciada. Esse desencontro poderia ocorrer por diversas razões, incluindo a incapacidade momentânea deste sujeito de lidar com a falha de não ser possível cuidar de todas as "mudas". O acumulador é também aquele que vai anexando os objetos de modo a se relacionar compulsivamente com os restos dos quais não consegue dar conta. Era preferível que as "mudas" (plantas) estivessem distantes das "mudas" (pessoas), para que o sujeito não tivesse que lidar com os próprios restos que não conseguia gerar em ambas as direções.

Pensando na lógica do significante em Lacan, onde o S/s, ou significante sobre significado, parece ter dois "s" abaixo da barra (dois significados), percebemos que assumir o fracasso dos cuidados, que silenciava parte do sentido atribuído ao significante, parece estar emudecido. Dar voz ao novo significado do significante "muda" retifica algo do discurso do sujeito.

Figura 3: Deslizamento da homofonia



(LOBEMVEIN, Paulo. 2024.)

Do ponto de vista discursivo, o *éthos* de alguém que cuida parece não suportar a morte, a falha, o furo. É curioso notar que ao longo da análise desse

¹ Dicionário Priberam. Disponível em: <dicionário.priberam.org> Acesso em 05 mai. 2024.

paciente, os furos também estão presentes na interpretação, mas parecem ser mais suportáveis do que a morte das plantas.

A aproximação dos significados em torno desse significante facilita o entendimento de que, assim como nem toda pessoa surda é capaz de compreender tudo o que é traduzido e de se desenvolver nas aulas como o paciente esperava, as plantas também parecem não responder adequadamente aos cuidados que ele tem a oferecer. Parece que esse *éthos* é tocado por uma certa insuficiência, anteriormente oculta na mudez dessa associação.

Esse encontro entre os significantes foi suficiente para que o analisante suportasse, inclusive, a morte de algumas de suas plantas, o que antes era sempre insuportável. Todos os recursos possíveis eram investidos para a sobrevivência dessas mudas que o sujeito cuidava. Parece-nos, então, que lidar com a própria falta, ou reconhecer-se como um sujeito faltante, permite que falem algumas plantas em sua imensa e sedutora coleção de mudas.

6.2.3 A moça cintilante

A paciente em análise é uma jovem que testemunha o rompimento de seus pais há muitos anos e desde então tem dificuldades no relacionamento de seu pai com uma outra mulher. A paciente afirmava que seu pai não tinha consideração por ela e reclamava da atenção dedicada à nova esposa. A paciente tentou várias vezes chamar a atenção do pai para sua indignação pela falta desse objeto "a" tão precioso para seu sintoma: o olhar. Este olhar era deliberadamente negado pelo pai, que, percebendo as sucessivas atuações da filha, não cedia e continuava a reconhecer a nova mulher como sua esposa, a esposa que sempre foi tratada pela paciente como "a outra".

E em um determinado momento de sua análise, após mais uma atuação direcionada ao pai, a jovem expressa, já no divã e sem o olhar do analista, o desejo de se sentir pertencente à casa do pai. "Gostaria de me sentir à vontade na casa do meu pai. Eu queria *sentir eu lá*".

Nesse momento, segue-se um silêncio, seguido de uma estranheza marcada pela voz do analista: "Como assim? O que você disse?". A paciente responde com um sorriso, percebendo o quão incomum foi sua formulação. Ela comenta: "Ficou parecendo 'cintilar', né?". O analista concorda, dizendo que sim, ficou parecendo que ela queria cintilar. Em seguida, a paciente corrige-se, dizendo que "cintilar é demais, só brilhar já está bom".

Partindo da análise dessa atípica formação, é necessário compreender melhor a construção do *éthos* retórico em questão (ver página 66).

A paciente se posiciona como alguém que não tem o amor do pai, uma criança injustiçada pelo fato de os pais não terem sido casados e vítima da grande negligência do pai. Embora a mãe também não escape desse contexto, a maior busca por afeto parece estar relacionada ao olhar do pai.

Diante dessa demanda incessante e repetida, a paciente parece buscar autorização na análise para agir no sentido de buscar o olhar do pai. Ela recorda momentos centrais de sua biografia em que solicitava o olhar e não o recebia. Após dois anos de análise, a paciente chega a essa formulação que parece revelar a si mesma o *éthos* em jogo. O constrangimento ao perceber que gostaria de "cintilar" ou brilhar aos olhos do pai lança luz sobre a certa infantilidade que

a acompanha no lugar de sintoma. É uma posição passiva, objetiva, que espera ser vista pelo Outro que a institua em algum lugar.

Parece ser dessa angústia que derivamos o novo significante "*sentireulá*". Esse é um novo significante em que as fronteiras entre as palavras são eliminadas, acaba o breve silêncio, as pausas, que podem existir entre sentir#eu#lá, que tem três significados diferentes. Um verbo, um pronome pessoal e um locativo, dando lugar a um mal entendido "*cintireulá*", porque não nos prendemos à ortografia, mas à emissão sonora do "*sentir*", pronunciado com i: [sĩ tširew'la] permitindo a associação a cintilar que é foneticamente [sĩ tší'lar] ou [sĩ tší'la].

Sob a perspectiva da teoria da enunciação, conforme discutida por Benveniste na página 61 da presente dissertação, onde ele descreve a frase como uma composição que não se reduz à soma das palavras que a compõem, podemos perceber que a frase é o que o autor chama de nível superior, onde há uma certa condensação de processos anteriores e ainda mais intrínsecos ao sujeito. Portanto, há uma distinção crucial entre o significado inerente aos signos na língua e o sentido que emerge das frases no ato de comunicação. Essa distinção ressalta a dinâmica intrincada entre a estruturação da língua como sistema e a geração de significados concretos e contextualizados no discurso.

Observamos que "Sentir" pode, isoladamente, estar bastante próximo foneticamente de "cintir" [sĩ'tšir]. Chama a atenção que a sílaba final do verbo "cinti-LAR" está no "Lá" (suprimindo o "r" final), advérbio de lugar, que se refere à casa do pai, que a paciente já mencionou em outro momento não identificar como "lar". O "eu", perdido entre o "lar" e o "sentir", surge para expressar algo profundamente ligado ao sujeito. O eu aparece para cintilar, para ser visto, em meio a uma frase estranhamente bem elaborada.

Figura 4: Supressão do silêncio e separação de palavras

SENTIREULÁ
 SENTI EU LÁ
 CINTI LAR
 CINTILAR

(LOBEMVEIN, Paulo. 2024.)

A forma, como conceito, parece se dar no "sentir eu lá", formulação que não deve ser negligenciada ao interpretarmos a próxima forma que se apresenta, o "cintilar". Em ambos os casos, há algo do sujeito que se manifesta com especial vigor, seja no sentimento de pertencer ao lar do pai, seja no clamor pelo olhar do Outro. O modo bem-sucedido de fazer esse fenômeno aparecer talvez busque ancoragem no que Benveniste chama de "sentido". É um resíduo das duas frases que estão sobrepostas, onde a paciente consegue encontrar significado suficiente para validar as duas soluções, que por hora parecem ser indissociáveis um do outro.

O efeito do "cintilar" como retificação subjetiva faz sentido ao vacilar o discurso de que não era amada, mas queria algo mais do que o simples amor: um brilho! Esse novo fato traz perguntas à paciente e não necessariamente torcem o discurso, que permanece buscando o amor do pai e desejando cintilar aos olhos dele, mas cria perguntas e tira a enunciadora de um lugar caprichoso de esperar ser reconhecida por alguém.

6.2.4 A construção da mediocridade

Trata-se de um indivíduo com uma carreira profissional sólida, porém com significativa dificuldade nas interações sociais. Ele recordava cenas constrangedoras de sua infância e adolescência para explicar por que não conseguia lidar adequadamente com seus sentimentos. Expressava o desejo de “performar” de maneira diferente diante das mulheres que desejava, e mencionava com ressentimento os relacionamentos malsucedidos que teve ao longo da vida. Essa insatisfação se intensificou com a emergência de um significante muito poderoso: “*idiota*”. O indivíduo começou a usar esse termo para se referir a si mesmo durante alguns meses, afirmando repetidamente que ele se encaixava nesse significante mais do que qualquer outro. Ele dizia: “Eu acabo parecendo um idiota, sou um idiota e tenho plena consciência disso”.

Mais adiante, após alguns atos que comprovavam sua idiotia, o paciente começou a experimentar algumas novidades, especialmente em seus relacionamentos com mulheres, que pareciam indicar algumas virtudes em sua trajetória, sugerindo que talvez ele não fosse tão idiota quanto imaginava. Ele citava exemplos de outros sujeitos que considerava mais idiotas que ele, como forma de relativizar sua própria condição. Ao perceber que outros sujeitos eram tão idiotas quanto ele, sentiu a necessidade de se desidentificar desse lugar e buscar uma nova forma de se posicionar.

Dessa reflexão surge uma nova atribuição: “*patético*”. O paciente afirmava que, na verdade, sua consciência sobre a estruturação dessa idiotice o fazia perceber que ele não era idiota, mas sim patético. Ele dizia: “É como se o patético fosse um idiota que se percebe”, utilizando essa ideia para construir esse novo modo de se enxergar e se desvincular da antiga identificação.

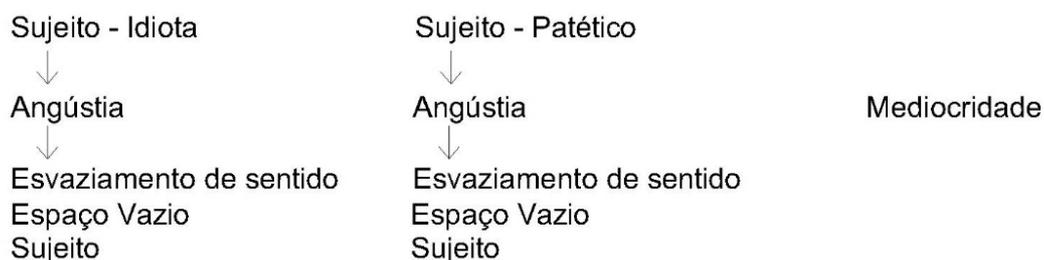
No dia em que ele toma a decisão sobre um cargo muito desejado em uma nova empresa, surge um cálculo importante sobre a sua identidade masculina no âmbito profissional e em seus relacionamentos com as mulheres. O resultado desse cálculo é mais uma desidentificação em relação ao significante anterior e a criação de um novo: medíocre. Ele dizia: “Eu sou medíocre mesmo. Um cara na média, com algumas coisas boas e outras ruins, na média. Medíocre”.

Partindo então à análise desse fenômeno, parece ser um caso em que a estruturação da linguagem vai se delineando ao longo da análise do paciente. Essa estruturação encontra significantes que são investidos libidinalmente, trazendo certa descarga a cada nova descoberta. O processo linguístico ocorre de forma mais intensa sempre que o significante anterior se desgasta, na tentativa de compreender qual é o papel do homem diante das mulheres. As noções de idiota e patético parecem se ancorar em uma certa mediocridade, que o coloca em uma posição intermediária onde a presença de outros medíocres sugere um lugar mais confortável para ele, que desejava performar de maneira diferente. A ideia de "per-formar" é posteriormente reinterpretada pelo paciente como um processo de formar a si mesmo, um modelo que seria singularmente distribuído entre todos os medíocres.

Ao abordarmos a noção de sujeito conforme Michel Pêcheux (página 40), podemos avançar na análise desse caso. Parece tratar-se de um sujeito que se constitui no lugar do "interdiscurso", ou seja, um sujeito que se constrói a partir de um discurso que surge das relações de poder e das atribuições que ele mesmo consegue encontrar no contexto social. Pêcheux menciona, na mesma página citada, que "sob a evidência de que 'eu sou realmente eu' (...) há o processo de interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio 'aquele que...', isto é, X, o quidam que se achará aí".

Pêcheux concebe o sujeito como uma articulação dinâmica entre um articulador do discurso e um sujeito também por ele articulado. O sentido não é pré-dado, mas atribuído em cada nova atualização semântica que ocorre diante das diversas formas de relação sujeito-discurso. Ao ser interpelado pelo discurso, o paciente consegue se situar em algum espaço onde o significante "idiota" ganha destaque em relação a outros significados menos definidos. Esse é o "espaço vazio" mencionado no parágrafo anterior. Nesse momento, o que está em jogo é a identificação, seja com o que for, em um lugar no discurso, como um sujeito que intervém nele e, ao mesmo tempo, é tocado por ele.

Tabela 2: A criação no espaço vazio



(LOBEMVEIN, Paulo. 2024.)

O conceito de "patético" parece seguir a mesma direção, embora só passe a pertencer ao discurso no momento em que o analisante desgasta suficientemente a identificação anterior. Nessa lógica, o processo analítico parece servir como uma ferramenta para que o paciente possa "desgastar" identificações já consolidadas, abrindo espaço para novos significados a serem explorados. As definições criadas por ele mesmo sobre o grupo dos "idiotas" não estão mais localizando o sujeito como costumavam fazer. O "patético" já se apresenta como um espaço de ser distinto daquele menos valorizado.

As articulações e buscas na cadeia associativa que levam o analisante a um esvaziamento semântico e faz um deslocamento, sem saber exatamente para onde, são centrais na identificação do significante mais atualizado dessa análise: "mediocre". Parece que o conceito de "média", resultado de um cálculo obsessivamente rigoroso por parte do analisante, aponta para um espaço em que ele se encaixa na cultura. Observamos que os termos "idiota" e "patético" estão pejorativamente associados a uma identificação menos valorizada. No entanto, quando o termo "mediocre" entra em cena, parece representar o espaço em que o sujeito atravessa a cultura (ou a língua) de forma mais equilibrada, em relação ao que é atravessado por ela. O "Outro" começa a ser visto como estando em um espaço semelhante, mediocre, e o sujeito se autoriza a perceber até mesmo a mediocridade nas mulheres com quem se relaciona. É como se um mediocre estivesse se relacionando com o "Outro" mediocrizado.

Percebemos aqui uma dimensão de variação de um *éthos* ao longo dessa análise. Um imaginário de si, colocado a trabalho, parece ganhar novos contornos, não por novos imaginários, mas por palavras que nomeiam o mal-estar desse sujeito. O deslizamento do *éthos* acompanha a inauguração de

significantes. Esses são encontrados nos novos significados que o sujeito dá a velhos significantes, ou ainda, a assimilação de novos significados só faz sentido quando o sujeito consegue eleger novos significantes em seu universo semântico. Em outras palavras, é provável que "idiota, patético e medíocre" já fossem significantes presentes no discurso do analisante antes de ele mesmo se nomear dessa maneira. O que está em jogo é que quando essas palavras são encontradas, no lugar de intervenção do discurso, no lugar em que o sujeito é nomeado pela cultura, é aí que esses parecem ter notória distinção.

6.2.5 Medo de quê?

Uma mulher recém casada mostra-se fóbica ao ficar sozinha no escuro. Um medo comum, infantil e já absolutamente internalizado por ela e pela família que, inclusive, sabe se movimentar para que ela não durma sozinha. Esse medo é central no discurso da paciente e “o escuro” aparece a todo momento como algo difícil de ser olhado. A dificuldade em enxergar no escuro começa a ser substituída pela fantasia de algo que a analisante não gostaria de ver. Nesse momento o primeiro significante da estrutura mais rígida começa a vacilar e a paciente constrói a ideia de que o medo do escuro era uma defesa, pois o que ela tinha verdadeiramente era medo de enxergar alguma coisa.

Essa cegueira voluntária, de algo que só é visto com o cair da luz, paralisa a paciente em diversas situações. Essa paralisia a faz rememorar um encontro com a avó que fazia carinho na cabeça para que ela se acalmasse antes de dormir. Uma avó que acariciava e dizia: *cale a boca, minha filha, e vá dormir*. Nesse contexto é proferida a sentença: “*eu tenho medo da minha voz! Digo, da minha vó*”. Faço uma marca nesse equívoco bem-sucedido e a paciente entende o próprio lapso. Houve ali a troca da palavra “vó” por “voz”, uma homonímia parcial.

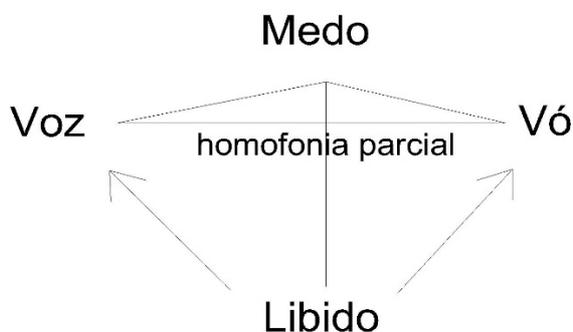
A confusão das palavras persiste, e a paciente continua a elaborar algumas questões em torno dessa angústia. Na mesma sessão, a analisante expressa seu maior medo em relação à escuridão: mesmo que ela grite, no escuro ninguém a ouvirá.

Ao analisar o evento em questão, é necessário, em primeiro lugar, compreender o lugar da transferência no caso (ver seção 4). O medo de ver algo que não se quer ver também remete ao próprio recalque, algo que aterroriza e só pode ser acessado quando a paciente consegue estabelecer um discurso, após algum tempo de análise, que lhe permita enxergar algo diante da escuridão do inconsciente.

Pensamos agora na aproximação fonética de “vó” e “voz” para encontrar um lugar na cadeia significante da paciente que associa a figura da avó com o que ela pode ou não dizer, sobretudo quando está escuro. O resgate do medo da avó é um deslizamento que origina-se no medo fantasmagórico atual de que sua voz não seria escutada ao adormecer: “cale a boca e vá dormir”. É pela

aproximação fonética dessas palavras que a escuridão do recalque ganha protagonismo no discurso. Somente pelo encontro desses dois significantes é plausível supor uma percepção da paciente sobre seus medos.

Figura 5: Homofonia da voz



(LOBEMVEIN, Paulo. 2024).

Avançando conceitualmente, é curioso perceber que o *éthos* da menina amedrontada encontra reverberação na família primordial e também no marido. O modo desse sujeito se colocar no mundo articulava soluções no Outro para que a imagem não caísse (vide Maingueneau na página 70). Um *éthos* que serve para que a escuridão permaneça sem ser vista. Por fim, vale ressaltar que a paciente é cantora. A voz, como objeto a (conceito lacaniano não trabalhado nesta dissertação), aparece como objeto de investimento e de pavor. A sedução da analisante diante do Outro é visivelmente vocal! Uma voz que diz muito, como evidenciado pela taquilalia verificada no caso, mas que esconde sempre o que há de mais profundo na escuridão daquilo que não deve ser mostrado.

6.2.6 O pai capado

Germana, uma paciente idosa com início de demência senil, chega ao consultório para mais uma sessão e, como de costume, se aproxima da janela para observar a rua. Ela costumava falar sobre um pai que não conseguia enfrentar a mãe, embora sua presença fosse inegável em sua análise. Germana mencionava que o pai "perdeu patrimônio" por causa da autoridade da mãe, "perdeu tempo casado com uma mulher que mandava nele" e não tinha tempo para as filhas. Ela frequentemente fazia associações com seu próprio casamento, repetindo muitas das dificuldades que via no relacionamento dos pais, mas de alguma forma, acreditava que seu pai ensinou que a mulher deveria mandar em casa.

Nesta sessão específica, Germana se aproxima da janela habitual e nota o carro que acabou de estacionar na rua. Ela se assusta com o que parece ser um objeto semelhante a uma bola de gude que caiu do prédio do consultório, apontando para o carro estacionado e dizendo que o objeto "quase bateu ali, ali na frente", indicando com o dedo indicador. O analista então tenta encontrar a palavra correta para descrever a parte da frente do carro, arriscando dizer "No capô"? A paciente sorri e responde: "Não, que capô! Capô é meu pai, que era capado. Inclusive, já te contei que eu realmente achava que meu pai era capado?"

Neste momento, Germana lembra-se de um vizinho da pequena cidade do interior que costumava chamar seu pai pelo apelido "Capado" ao chegar em sua casa e convidá-lo para jogar cartas. Essa lembrança parece ter influenciado a visão da paciente em relação à figura paterna. Ao confrontar esse significante, Germana rejeita a ideia de castração literal de seu pai, pois sua mãe aparentemente era sexualmente satisfeita. Ela também relembra a imagem de seu falecido marido, que, "apesar das aparências", era muito ativo sexualmente.

Ao analisar o caso em questão, iniciaremos pelo processo linguístico que dá ao significante "capô" dois significados distintos: a conjugação do verbo "capar" no passado, "*capou*", pronunciado "*capô*" ou, de fato, a parte dianteira de um veículo que protege o motor. Embora a palavra sugerida pelo analista encontre em uma cadeia de sentidos um lugar que diz da parte do veículo, a cadeia de significação da paciente parece nem saber que essa parte do carro

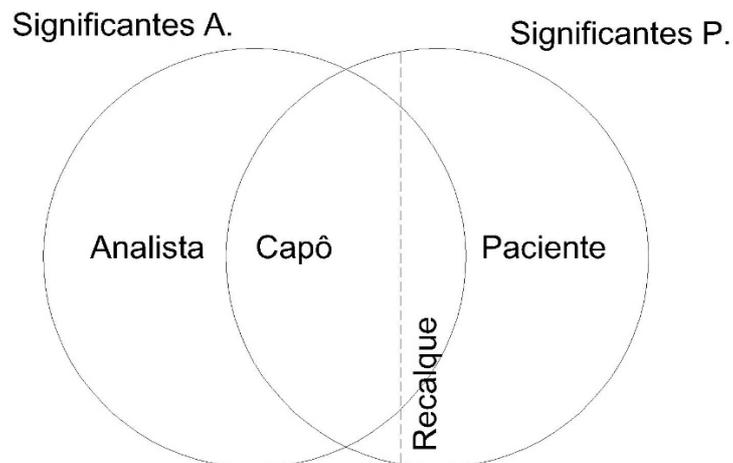
também é chamada de capô. Nesse momento, a análise desse caso remete, sobremaneira, ao que está posto na p. 69 desta dissertação, quando nos propomos a pensar a modulação do discurso do analisante também a partir da figura do analista e dos significantes que este entrega.

Se pensarmos na questão da forma e do sentido, de Benveniste, como por nós mobilizados nesta dissertação (página 54), veremos que o sentido desse "capô" nada parece ter a ver com o carro. A cultura, a "língua" em Saussure, ou a "linguagem" em Lacan, parecem dar conta de um sentido para esse significante, 'a parte da frente do carro que corresponde à cobertura do motor' que, na cena analítica, só era assim interpretado pelo analista. A analisante, reitero, nem parecia entender que a parte dianteira do veículo também era chamada de capô. O que é da língua parece se relacionar com o que é da *lalangue* (página 37). Um agente externo, da cultura, resgata um sentido latente, recalçado, hiperinvestido e precisa ser escoado diante da homofonia de um lugar dual na cultura, mas decidido n "*Alíngua*" da paciente.

Embora a paciente soubesse o sentido do que é ser capado, esse significante nunca havia aparecido em sua análise, assim como a figura do pai nunca houvera ganhado essa nomeação, embora a paciente trouxesse um sujeito desfalcizado em vários momentos de seu discurso.

Retomando o matema da transferência, parece-nos que há aqui algo do "Sq" acima da barra, um significante qualquer do analista que desencadeia um discurso por parte da analisante. O lugar de entrada do analista no discurso deste caso parece-nos mais evidente do que em casos analisados anteriormente, mas esse lugar não deixa de ser relevante também em outros momentos. Nos casos 3, 4 e 5 aqui apresentados, o analista marca o novo significante ou o evento de linguagem que está colocado no discurso do paciente. A marca do analista é também um "Sq" que faz o sujeito retornar e elaborar sobre o que foi dito.

Figura 6: Interação dos significantes.



(LOBEMVEIN, Paulo. 2024.)

No caso de Germana, além de qualquer marcação ou expressão desse outro a quem o discurso é endereçado, há uma entrega direta de uma palavra com muito sentido para a analisante. Algo que ocorre talvez pelo acaso, como citado por Lacan (página 69), mas além disso, é um significante que parece desencadear um discurso que só tem reverberação por encontrar-se sob transferência. Embora a paciente entendesse que o pai era um sujeito castrado, a nomeação de "capado" parece ser determinante na produção de um sintoma específico do caso, que retornava na convocação do filho para que este desse conta do lugar deixado pelo marido, ou ainda, pelo próprio pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho dissertativo envolve a análise de conceitos fundamentais para o *corpus* selecionado. Inicialmente, abordamos os conceitos de língua e fala, signo linguístico, Alingua, metáfora, metonímia e os pontos linguísticos estruturais que fundamentam as escolhas do autor. Em seguida, exploramos a definição de sujeito nas perspectivas de Michel Pêcheux e Jacques Lacan, além de investigar a transferência para compreender o contexto enunciativo presente no trabalho e estabelecer a teoria da enunciação como uma premissa importante para a compreensão da cena analítica. O conceito de *éthos* discursivo também desempenha um papel fundamental nas análises realizadas.

O primeiro caso apresentado trata de um paciente com dependência química que associa os termos "droga" e "dinheiro". Na análise desse caso, os conceitos de metáfora e metonímia foram centrais, retomando a perspectiva lacaniana discutida na página 34. Observa-se que a manipulação linguística foi viabilizada pela sustentação de um *éthos* descrito por Maingueneau (pg. 67), o qual emerge como apoio para a ocorrência da retificação subjetiva.

Em seguida, analisamos um caso em que um sujeito se encontra em uma situação de homofonia, onde um termo, "muda", possui vínculo com dois significados distintos. Nessa análise, recorreremos ao conceito saussuriano de signo, sendo que a reinterpretação lacaniana auxilia na compreensão do processo de aquisição de significado trazido pelo analisante.

O terceiro caso aborda um neologismo, a palavra "cintireulá", formada pela união de três palavras, resultando em uma nova palavra que, em uma segunda torção linguística, faz emergir o termo "cintilar". Esse fenômeno ocorre após a paciente se confrontar com a intenção deliberada de ser vista pelo pai. Identificamos nesse caso a presença de mecanismos como a união de palavras, homofonia parcial e separação de palavras, os quais resultam em uma espécie de confissão da paciente a si mesma. O sujeito percebe o *éthos* presente em seu discurso e busca retificá-lo.

Posteriormente, recorreremos a Michel Pêcheux (pg.40) para compreender a busca da construção da mediocridade na constituição do sujeito. Nesse processo, novas palavras vão ocupando um espaço deixado vazio, e o paciente

encontra novos significantes para confortar seu próprio mal-estar. O idiota e o patético se aquietam na mediocridade humana.

O penúltimo caso apresentado remete a uma homofonia parcial que gera uma confusão entre a voz (como objeto "a" em Lacan) e a vó (o Grande Outro da paciente). Essa associação se dá também a partir de um *éthos* da mulher amedrontada que não conseguia dormir sozinha, sem a presença da avó.

Por fim, o último caso descrito nos leva a refletir de forma mais aprofundada sobre a cena discursiva presente em um consultório psicanalítico, utilizando as contribuições de Benveniste para entender a influência do discurso do analista na construção do analisante. O analista oferece o significante "capô" e a paciente atribui a ele o significado desejado, remetendo à conceituação da linguística estrutural presente neste trabalho.

Ao revisitar esses conceitos, destacamos algumas peculiaridades que marcam nossa trajetória. É central lembrar que, como mencionado no trabalho (página 10), a psicanálise é contemporânea à linguística moderna - Freud e Saussure. Além disso, frisamos que Lacan compartilha o mesmo período de tempo com Pêcheux e Benveniste. O berço linguístico francês da Análise do Discurso gesta uma teoria que emerge simultaneamente à época em que Lacan convoca teorias linguísticas para discussão psicanalítica.

O primeiro marco teórico deste trabalho remonta ao início do século XX enquanto o segundo se situa no início da segunda metade do mesmo século. Embora o discurso sempre houvera existido em todo o tempo que houve linguagem humana, é a Análise do Discurso que usa "discurso" como um conceito e dá a ele profundidade. É notável que a análise do discurso, que se apropria fortemente do conceito de "discurso", surja quase como uma continuidade de uma corrente do pensamento linguístico estruturalista que não inclui o discurso em suas categorias. A lógica discursiva parece mais adequada para dialogar com a psicanálise do que as novas correntes linguísticas pós-estruturalistas, que seguirão em direções ainda não pensadas em conjunto com o que a psicanálise investiga em linguagem. O berço linguístico saussuriano foi gradualmente transformado, convocando a atenção dos psicanalistas para a análise do discurso, especialmente de origem francesa, encontrando ali elementos adicionais que continuam a se relacionar com a prática clínica.

Ao considerar a formação do discurso como central na cena analítica, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre o que esse discurso representa. O que é o discurso de um analisante? Quais são as formas e sentidos que são adquiridos e modulados ao longo do processo analítico?

Refletindo sobre os fatores que influenciam essa formação discursiva e, de fato a qual discurso estamos nos referindo, vamos supor a seguinte cena:

Um sujeito chega ao consultório por alguma contingência, inespecífica, e começa a falar. Ele faz então contornos, recortes, seleções do que dizer, conscientes ou não, e vai se construindo discursivamente para aquele espaço específico. O discurso do analisante se desenvolve em diversas direções, permeado por intenções que se entrecruzam. Nesse jogo discursivo, há uma suposta intenção atribuída ao analista, uma fala que também busca seduzir o interlocutor e uma expressão que se inscreve em um espaço não convencional. Cada elemento presente nesse ambiente, como o design do consultório, as plantas ou os quadros que compõem a imagem captada pela câmera de um celular, converte-se em material constitutivo do discurso do analisante. O que é enunciado e como é enunciado se entrelaçam com o ambiente, as suposições e as expectativas, configurando a narrativa que emerge no encontro analítico.

O discurso de um analisante em um setting analítico não é o mesmo discurso desse sujeito em qualquer outro lugar. Existem ali uma série de elementos que convocam a uma formação discursiva única e que só é possível naquele espaço não-qualquer.

Surgem as reflexões, então, sobre o lugar do analista no discurso do paciente. Questionamentos sobre o *éthos* assumido pelo sujeito diante do encontro com a psicanálise e a comunicação do consultório, seja físico ou virtual, no discurso do sujeito. Considera-se a análise como um discurso construído por todas essas instâncias que se relacionam na fala do analisante. Mas qual a influência desses fatores no inconsciente do analisante?

Além disso, observa-se que o lugar da fala do analisante influencia a intervenção do analista. Essa é desencadeada pelo discurso do analisante. Neste contexto, o analista busca compreender o não-dito pelo analisante, o que também influencia sua intervenção. Qual o lugar do analisante na intervenção do analista?

É evidente que essas questões precisam ser discutidas entre psicanalistas e analistas do discurso, o que torna essa transdisciplinaridade um caminho sem retorno.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no Discurso**: a construção do ethos. Contexto. São Paulo, 2005.

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: Editora da USP, 1994.

_____. **Linguagem e Psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon e Lacan** São Paulo: Editora da USP, 1999.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu De. **O sujeito no discurso**: Pêcheux e Lacan. 2008. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. **Ensaio de Linguagem e Psicanálise**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

_____. A análise do discurso e a psicanálise: a mentira e a construção do *ETHOS* na prática da psicanálise. *In*: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.) **Teorias do Discurso**. Novas Práticas e Formas Discursivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

_____. **Freud e Hans Sperber**: psicanálise, linguagem e sexualidade. 2010. Monografia de especialização em Teoria Psicanalítica. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

_____. **Hans Sperber e Freud**: a origem sexual da linguagem humana e a psicanálise. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 413-430, 2012.

EMEDIATO, Wander. Problemáticas Contemporâneas dos Estudos do Discurso: por uma análise integrada. *In*: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.) **Teorias do Discurso**. Novas Práticas e Formas Discursivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. *In*: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. III. 1895.

_____. Tratamento psíquico (ou anímico). *In*: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. IX. (1890/1905).

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses. *In*: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. III. (1898).

_____. A interpretação dos sonhos. *In*: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. IV-V. (1900).

_____. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VI. (1901).

_____. Os Chistes e sua relação com o inconsciente. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII. (1905).

_____. A Dinâmica da Transferência. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII. (1912).

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise. *In: Obras completas*: Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XV. (1915).

_____. Pulsões e seus destinos. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. XIV. (1915).

_____. Os caminhos da formação dos sintomas. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVI. (1917).

_____. O eu e o isso. *In: Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX. (1923).

LACAN, Jaques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998 (1957)

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967. *In: LACAN, J. Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264. (1967).

_____. **O Seminário, livro 01**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1986. (1975).

_____. **O Seminário, livro 02**: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1985. (1954/1955).

_____. **O Seminário, livro 11**: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997. (1964).

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. **Só há Causa daquilo que Falha**. Vitoria da Conquista: Estudos da Língua(gem), v. I, jan/jun, p. 77-82, 2005.

LEITE, Thiago André Rodrigues; OLIVEIRA, Karine Rios de. **Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste**: questões referentes à língua, à fala e à criação linguística. Inventário. Universidade Federal da Bahia. v. 9, p. 1, 2011.

MACHADO, Bruno Focas Vieira. **Saussure, o discurso e o real da língua**: entre linguística e psicanálise. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 55, 2011.

_____. **Benveniste, Lacan e a gramática de Daumourette e Pichon**: entre Linguagem e Psicanálise. 2013. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Ethos, cenografia, Incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no Discurso**: a construção do ethos. Contexto. São Paulo, 2005.

MIRANDA, Cassio Eduardo Soares. Considerações sobre emoções e o discurso midiático: Interlocuções entre psicanálise e análise do discurso. In: MACHADO, I. L; COURA, J; MENDES, E. (org.). **A Transdisciplinaridade e a Interdisciplinaridade em Estudos da Linguagem**. - Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T.(orgs.) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1997. (1975).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani; LAUREANO, Marcella Marjory Massolini. **Entre a análise do discurso e a psicanálise, a verdade do sujeito**. Investigações. Editora Recife, v. 18, p. 131-147, 2005.

VICENZI, Eduardo. **Psicanálise e Linguística Estrutural**: As relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. Rio de Janeiro: Ágora, v. XII n. 1 jan/jun 2009 27-40, 2009.